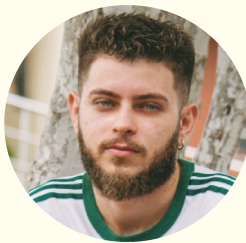


Marcos Felipe Silva Duarte
Jackson Ronie Sá-Silva

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA DISCUTIR O **CORPO MASCULINO**





Marcos Felipe Silva Duarte

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UEMA). Graduado em Ciências Biológicas Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Especialista em Docência no Ensino Superior pelo Instituto Faculdades IDAAM. Membro do Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP-ENCEX).



Jackson Ronie Sá-Silva

Professor Adjunto do Departamento de Biologia da Universidade Estadual do Maranhão (DBIO-UEMA). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional – da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE-UEMA). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva – Mestrado Profissional – da Universidade Estadual do Maranhão (PROFEI-UNESP/UEMA). Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em Saúde e Ambiente pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Licenciado em Biologia e Química pela UEMA. Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Intervale, Minas Gerais. Bacharel em Farmácia e Bioquímica pela UFMA. Líder do Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade da Universidade Estadual do Maranhão (GP-ENCEX/UEMA).

O livro **Propostas pedagógicas para discutir o corpo masculino** constituiu-se como uma discussão acadêmica desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE/UEMA), em que nos desafiamos a investigar os discursos sobre o corpo masculino em livros didáticos de Ciências do Ensino Fundamental Anos Finais (6º ao 9º ano) de escolas públicas de São Luís, Maranhão. Temos ainda o objetivo de apresentar discussões que envolvem a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e suas implícitas e intencionais ações de extinguir as menções às categorias gênero e sexualidade de seu texto legal. Apresentamos nesta produção educacional propostas pedagógicas que professores e professoras da educação básica do Estado brasileiro podem instrumentalizar-se teórica e metodologicamente para levar o debate sobre tema sensível e necessário para a formação cidadã dos sujeitos escolares como as masculinidades. Esperamos que a partir das propostas pedagógicas desenvolvidas neste estudo bibliográfico-documental materializado nesta obra didática inspire docentes da educação básica a desenvolverem aulas e discussões sistematizadas no contexto escolar que empoderem para as existências sem dores, medos, desafetos, terrores e morte visto que as masculinidades são parte do viver bem num mundo complexo permeado de subjetividades que transitam nos corpos.



© copyright 2023 by UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que
citada a fonte.
Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA UEMA.

Propostas pedagógicas para discutir o corpo masculino

EDITOR RESPONSÁVEL

Jeanne Ferreira Sousa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Alan Kardec Gomes Pachêco Filho • Ana Lucia Abreu Silva
Ana Lúcia Cunha Duarte • Cynthia Carvalho Martins
Eduardo Aurélio Barros Aguiar • Emanuel Cesar Pires de Assis
Emanuel Gomes de Moura • Fabíola Hesketh de Oliveira
Helciane de Fátima Abreu Araújo • Helidacy Maria Muniz Corrêa
Jackson Ronie Sá da Silva • José Roberto Pereira de Sousa
José Sampaio de Mattos Jr • Luiz Carlos Araújo dos Santos
Marcelo Cheche Galves • Marcos Aurélio Saquet
Maria Medianeira de Souza • Maria Claudene Barros
Rosa Elizabeth Acevedo Marin • Wilma Peres Costa

Diagramação: Paul Philippe

Capa: Yuri Almeida

Duarte, Marcos Felipe Silva.

Propostas pedagógicas para discutir o corpo masculino [recurso eletrônico] / Marcos Felipe Silva Duarte, Jackson Ronie Sá da Silva. – São Luís: [s.n.], 2023.

88 f

ISBN:978-85-8227-326-5

A obra em formato digital constitui-se produto educacional do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Maranhão.

1.Corpo masculino. 2.Propostas pedagógicas. 3.Educação básica. 4.Sexualidade. I.Silva, Jackson Ronie Sá da. II.Título.

CDU: 611-055.1:37.012

EDITORA UEMA

Cidade Universitária Paulo VI - CP 09 Tirirical - CEP - 65055-970 São Luís - MA
www.editorauema.uema.br - editora@uema.br



SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	07
PREFÁCIO.....	08
APRESENTAÇÃO.....	10
1. A PRODUÇÃO DO CORPO MASCULINO E DAS MASCULINIDADES.....	12
2. FORMAÇÃO DOCENTE PARA A CONTEXTUALIZAÇÃO E DIVERSIDADE DO CORPO MASCULINO.....	22
3. PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA A DISCUSSÃO DO CORPO MASCULINO.....	31
3.1 FANZINE.....	34
3.2 CARTILHA.....	39
3.3 PORTFÓLIO.....	43
3.4 MAPA CONCEITUAL.....	47
3.5 CINE-DEBATE.....	52
3.6 CURTAS E TEATRO.....	56
3.7 MÚSICA E PARÓDIA.....	61
3.8 PODCAST E VIDEOCAST.....	66
3.9 CAIXA DOS HOMENS.....	71
3.10 CAIXA ANÔNIMA.....	76
3.11 SEMINÁRIO.....	78
REFERÊNCIAS.....	87

Marcos Felipe Silva Duarte
Jackson Ronie Sá-Silva

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA DISCUTIR O CORPO MASCULINO

AGRADECIMENTOS

Deixamos nossos agradecimentos ao Prof. Dr. Gustavo Pereira da Costa, magnífico reitor da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pelo apoio à pós-graduação, às licenciaturas e por compreender a importância da formação docente de qualidade para o progresso da educação em todo o estado.

Ao governo do nosso estado Maranhão, nas pessoas do ex-governador Flávio Dino de Castro e Costa e do atual, Carlos Brandão, por fornecerem meios à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) para o desenvolvimento da pós-graduação através da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI) e da parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para o fornecimento de bolsa de fomento que possibilitou o desenvolvimento da pesquisa que deu origem a esse livro.

À Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual do Maranhão (PPG-UEMA), Profa. Dra. Rita de Maria Seabra Nogueira pelo incentivo e trabalho no campo da pós-graduação, em especial no acompanhamento das pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE).

À todos os professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE/UEMA) por todas as contribuições durante o período de formação, pelos incentivos e pelo esforço notável de valorizar o programa e seus mestrandos e mestrandas.

Ao Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP-ENCEX/UEMA), por ser a base da minha formação enquanto pesquisador, por me fazer compreender o papel do professor enquanto agente político na promoção e valorização da diversidade na escola e por me aproximar da teoria e prática que fundamentam a ideia de um professor crítico das normas regulatórias e limitantes.

Por fim, ao Laboratório de Metodologia e Prática de Ensino de Ciências e de Biologia do Curso de Ciências Biológicas, ao Departamento de Biologia (DBIO) e ao Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais (CECEN) do Campus Paulo VI, pela estrutura disponibilizada para o desenvolvimento de etapas da pesquisa, como computadores, impressoras e espaços para a leitura e escrita.

Nosso muito obrigado!



PREFÁCIO

Weyffson Henrique Luso dos Santos¹

O sujeito do masculino

Certa vez, à noite, reunia-se em torno de um menino de 8 anos, suas referências femininas. Aquelas figuras maternas traziam como pauta discursiva alguns elementos que o corpo do pequeno menino carregava e que precisavam passar por um processo de expurgo. A vigilância foi intensificada como ferramenta preventiva do desvio, já que, aquela matéria biológica possuidora de um falo, não podia degenerar. O disciplinamento exerceu seu papel implacável e passou a operar sobre o menino e controlar os marcadores dissidentes, pois, falar fino, desmunhecar, andar rebolando, não gostar de futebol e admirar o feminino não podiam figurar o repertório. Assim, a performance fora dos padrões hegemônicos passou a ser censurada cotidianamente e a higienização surgiu como garantia daquele corpo representar o sujeito do masculino.

Parte da minha história é compartilhada por milhares de outros sujeitos que têm suas vivências apagadas quando seus corpos são reduzidos aos padrões estabelecidos discursivamente. Essencializar o masculino é, sobretudo, negar sua construção a partir da cultura e das relações de poder historicamente produzidas. Por isso, colocar em suspensão determinadas naturalizações é o passo inicial para reivindicar as existências como plurais, não hierarquizadas e dotadas de múltiplos significados.

A obra “Propostas pedagógicas para discutir o corpo masculino” reafirma o compromisso inegociável da educação em promover o conhecimento crítico, científico emancipatório. O texto joga luz sobre o obscurantismo que rodeou os últimos anos e soma esforços para o enfrentamento do anticientificismo que insiste em empurrar o tempo atual para o abismo da desinformação. A produção intelectual que prefacio, mais do que propor possibilidades didático-pedagógicas de

1 Coordenador de TCC e Estágio do Programa Ensinar Formação de Professores da Universidade Estadual do Maranhão (São Luís - MA, Brasil). Coordenador de Acompanhamento de Ensino dos Programas Especiais da Universidade Estadual do Maranhão (Pró-Reitoria de Graduação/UEMA). Membro do Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP-ENCEX/UEMA/CNPq). Professor da Rede Municipal de Educação de São Luís - MA. Mestre em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Licenciado e Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).



abordar o corpo masculino, apresenta uma discussão potente sobre as políticas educacionais que colocaram as discussões de gênero e sexualidade em posição de retrocesso, simbolizando uma tentativa de invisibilização das realidades historicamente marginalizadas.

Por fim, ao percorrermos essas páginas, os leitores e as leitoras localizarão a escola como espaço que se potencializa, quando adota um itinerário pedagógico que legitima a diversidade das vivências e reconhece a pluralidade. Nesse sentido, a escola se estabelece como lugar democrático e de exercício pleno da cidadania.



APRESENTAÇÃO

Ao construirmos o livro “Propostas pedagógicas para discutir o corpo masculino” com a apresentação de propostas pedagógicas que tematizam o corpo masculino para serem problematizadas didaticamente em sala de aula, temos a intencionalidade de melhorarmos a formação de professores e professoras da educação básica, porque percebemos lacunas nas discussões do complexo campo da sexualidade e do gênero no ambiente escolar.

Pretendemos nesta proposta pedagógica, evidenciar a forma como enxergamos o corpo masculino enquanto discurso de um processo sociocultural e inacabado das relações de poder, nas quais estamos inseridos enquanto indivíduos pertencentes a uma sociedade pós-moderna influenciada pela lógica europeia colonialista. Além disto, objetivamos subsidiar professores e professoras da educação básica a problematizarem discursos estigmatizantes, preconceituosos e totalizantes sobre o ser masculino e feminino.

Acreditamos que as propostas pedagógicas sistematizadas nesta obra, possam gerar atitudes criativas para se pensar masculinidades e feminilidades plurais e ilimitadas. Pretendemos instigar professores e professoras a pensarem os corpos masculinos e femininos a partir de reflexões e metódicas problematizadoras e que materializem práticas pedagógicas críticas e emancipatórias sobre o ser masculino e feminino inseridos numa sociedade democrática, cidadã, ética e plural.

O livro “Propostas pedagógicas para discutir o corpo masculino” foi uma discussão acadêmica desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE/UEMA), em que nos desafiamos a investigar os discursos sobre o corpo masculino em livros didáticos de Ciências do Ensino Fundamental Anos Finais (6º ao 9º ano) de escolas públicas de São Luís, Maranhão. Temos ainda o objetivo de apresentar discussões que envolvem a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e suas implícitas e intencionais ações de extinguir as menções às categorias gênero e sexualidade de seu texto legal.

Observamos que os livros didáticos não dão conta de uma discussão ampla sobre as relações socioculturais nas quais os corpos masculinos são produzidos, e que a BNCC acaba produzindo um discurso equivocado sobre diversidade, gênero, sexualidade e outras temáticas relacionadas às diferenças.



Apresentamos nesta produção educacional, propostas pedagógicas que professores e professoras da educação básica do Estado brasileiro podem instrumentalizar-se teórica e metodologicamente para levar o debate sobre tema sensível e necessário para a formação cidadã dos sujeitos escolares, como as masculinidades.

As propostas pedagógicas apresentadas neste livro não são fixas, nem universalizantes e podem ser melhoradas, adaptadas, reconstruídas e exercidas de diferentes formas, a depender da criatividade do professor e da professora que se permitem a formar cidadãos e cidadãs plurais.

Os autores desta obra também deixam sugestões de textos, livros, sites, filmes e podcast para ampliar a prática docente no desenvolvimento de discussões sobre as masculinidades. Desta forma, o livro “Propostas pedagógicas para discutir o corpo masculino” possibilitará práticas professorais que instiguem seus alunos e alunas a refletirem sobre discursos que maltratam, menosprezam e segregam sujeitos sociais cuja tática é expor um padrão de masculinidade que consideramos perversa, porque diminui a pluralidade do ser masculino.

Esperamos que a partir das propostas pedagógicas desenvolvidas neste estudo bibliográfico-documental materializado nesta obra didática, inspire docentes da educação básica a desenvolverem aulas e discussões sistematizadas no contexto escolar, que empoderem para as existências sem dores, medos, desafetos, terrores e morte, visto que as masculinidades são parte do viver bem num mundo complexo permeado de subjetividades que transitam nos corpos.

Desejamos uma boa leitura!

Marcos Felipe Silva Duarte

Jackson Ronie Sá-Silva



1 A PRODUÇÃO DO CORPO MASCULINO E DAS MASCULINIDADES

O meu corpo, enquanto minha casa me apresenta aos meus vizinhos e conhecidos nos encontros que faço durante a vida, nesses encontros podemos conhecer uns aos outros a partir da nossa fachada, que pode conter um belo jardim com plantas bem cultivadas no terraço, janelas com cortinas coloridas, uma grande porta geralmente aberta ou ainda, essa fachada pode conter rachaduras, um portão que protege de um trauma já experienciado e algumas folhas secas.

Nossa fachada pode ter um estilo clássico com origem grega, pode ser moderna com muito vidro e formas geométricas, ou mesmo uma fachada clássica do sertão com cores vivas, portas e janelas retangulares e emolduradas. Como toda fachada de casa, pode dar pistas do que iremos encontrar, mas não define ou sintetiza todo o seu conteúdo interno.

Assim como os estilos arquitetônicos das fachadas das casas, a forma como o nosso corpo se expressa tem grande influência do local e momento no qual foi construído. O corpo carrega marcas, se mostrando um artefato cultural que nos permite compreender o contexto no qual ele surge e se desenvolve.

Essa casa não é só fachada, esse corpo não é só matéria, a casa não é só tijolo, areia, cimento, viga, madeira, mas é também e talvez principalmente, os seus moradores, a forma como cuidam, enfeitam, celebram o lar, como convivem com a vizinhança, logo, não é só célula, tecido, órgão, sistema, ele é expressão, cultura, relações.

As referências e experiências do morador da casa corpo, no entanto, podem torná-lo singular, podem fazer presente em um ambiente comum diversas arquiteturas. No entanto, se em uma casa os moradores enfrentam limitações econômicas, espaciais, geográficas e políticas, que os impedem de fazê-la a experiência completa da sua identidade, no corpo também somos limitados por forças externas que não nos permitem a completa expressão de quem somos. Essas forças limitantes são também históricas, possuem intenções, objetivos, e se legitimam constantemente nas práticas discursivas.

Aprendemos em Foucault que é o discurso que constitui a prática, aquilo que falamos sobre as coisas constituem regras as quais nós mesmos estamos submetidos. Quando falamos, portanto, que nós discursamos, falamos também de nós enquanto constituintes das instituições sociais, como a escola, o hospital, o quartel, a prisão, que por sua vez são chamadas por Foucault de “instituições de sequestro”,



por retirarem os sujeitos durante um período de tempo do espaço social para disciplinar seus comportamentos, deste modo, essas instituições mostram-se locais de uma mudança histórica no processo de vigilância dos nossos corpos.

O autor enxerga que até à revolução francesa, os nossos corpos eram vigiados e punidos com castigo e violência física, e que após esse período até os dias atuais, essa vigilância e punição se transformou em disciplinamento, onde essas instituições de sequestro têm papel fundamental na docilização dos corpos, ou seja, em operar ações que tornem esse corpo maleável, dócil e ao mesmo tempo útil, produtivo, logo, o disciplinamento se mostra uma estratégia economicamente melhor que o terror das punições físicas (VEIGA-NETO, 2007).

No processo de tornar o corpo dócil, todas as suas dimensões são afetadas, inclusive a do gênero e da sexualidade. Enquanto pesquisadores do sul global e brasileiros, não podemos deixar de levar em consideração o processo colonizador pelo qual nosso país passou. A dinâmica das relações com os corpos, e com o gênero e a sexualidade, sofreu grandes mudanças com a colonização.

Mudanças essas engendradas na ideia de civilizar os povos que são considerados selvagens, de educar os povos brasileiros sob bases europeias e de disciplinar os corpos à um padrão que tem por base a família nuclear burguesa, formada por pai, mãe e filhos (VIGOYA, 2018).

Nesse sentido, instituições como a igreja, representada pelos jesuítas, atuaram no Brasil catequizando indígenas e instruindo jovens brancos de classes dominantes. Percebe-se então a disparidade de tratamento entre pessoas de raça, etnia e classe diferentes. Além disso, esse poder disciplinar exercido sobre os corpos nativos e escravizados teve também como objetivo combater as expressões de gênero e as práticas sexuais que destoavam da noção binária importada com os colonizadores.

A noção binária do gênero se refere ao reconhecimento apenas da figura do homem e da mulher, sendo estes assim definidos ao nascer (ou mesmo antes) com base em suas genitálias, e seguindo essa noção, a única prática sexual compreendida enquanto possível e permitida a esses sujeitos seria a heterossexualidade, na qual o homem se relaciona apenas com a mulher e vice-versa.

Neste sentido, as práticas homoeróticas, a figura do indígena que se deita com outros homens, inclusive com os que já constituem uma família, e que esse fato era algo que constituía aquela sociedade,



sendo parte do convívio daquelas pessoas, não foram concebidas pelas normas religiosas jesuítas, por conseguinte, perseguidas e punidas, logo, esses corpos foram levados a se encaixarem na norma. Dessa forma, Louro (2014) afirma que os jesuítas se colocavam enquanto exemplos de conduta a ser seguida, o que fez com que vários jovens regulassem suas atitudes, seus corpos, seus interesses, sua sexualidade e seu modo de agir.

Para que essa ideia binária do corpo em que o pênis ou a vulva definem um sujeito enquanto homem ou mulher persista, é necessário, segundo Butler (2021), que sejam criadas identidades bem diferenciadas entre um e outro, desta maneira, atitudes, comportamentos, saberes e espaços devem ser divididos e compreendidos enquanto pertencentes ao universo masculino ou feminino.

Essas noções precisam ser constantemente reproduzidas, relembradas, para que assim, o processo seja compreendido enquanto natural, como algo que sempre foi desse jeito. A autora destaca que quando isso acontece, as outras identidades não normativas, que não cabem dentro da binariedade são excluídas, ficando à margem.

Nesse jogo de poderes, segundo Foucault (1999, apud VEIGA-NETO, 2007) temos o poder disciplinar que atua sobre o corpo individual e o biopoder que visa o controle da própria espécie, criando assim o conceito de população, onde agirá a partir de regulamentações que atingem o pertencimento à espécie humana.

Para isso, é necessário conhecer, quantificar e levantar dados sobre essa população, dessa forma tivemos o surgimento da Demografia, Estatística e da Medicina Sanitária, que geram dados sobre mortalidade, nascimentos, migração, etc. Nesse sentido é que a sexualidade se torna uma área chave para o controle da população, visto que se encontra no meio da relação do poder disciplinar (corpo) com o biopoder (população) (VEIGA-NETO, 2007).

À medida que a história se desenvolve, algumas instituições vão se tornando cada vez mais presentes e responsáveis pelo exercício do poder sobre a sexualidade da população humana e, consequentemente, sobre seus corpos. A Ciência, a Medicina, a Igreja e a Escola, todas atuam disciplinando os corpos e contribuindo para uma visão naturalizada do sexo, a partir dos discursos que constroem os objetos dos quais discursam, logo, os discursos médico, religioso, escolar, também contribuem para a construção da ideia do que seria o corpo masculino e o corpo feminino.



Aqui daremos foco aos discursos sobre o corpo masculino, pois entendemos que devemos também olhar e estranhar o que é posto como o padrão, vale ressaltar que o homem quase sempre foi e ainda é visto como a norma. Em Silva (2014) compreendemos que o processo de diferenciação se dá através da naturalização da identidade e da diferença - por meio também de relações de poder -, ou seja, uma identidade é compreendida como a norma, como uma identidade posta à priori e as outras que se diferem da norma, são compreendidas como a diferença. O diferente tende então a ser moldado para se encaixar na identidade padrão.

Sobre como esse processo de produção da identidade é regido por relações de poder, Silva (2014) diz que fixar uma determinada identidade como a norma é,

uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais. Numa sociedade em que impera uma supremacia branca, por exemplo, “ser branco” não é considerado uma identidade étnica ou racial. Num mundo governado pela hegemonia² cultural estadunidense, “étnica” é a música ou a comida dos outros países. É a sexualidade homossexual que é “sexualizada”, não a heterossexual. A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade. (SILVA, 2014, p. 83).

Nos documentos frutos de políticas internacionais para a igualdade de gênero temos, segundo Connell (2016) sempre as mulheres como centro do discurso, os homens (enquanto grupo) quase nunca são mencionados. A autora destaca, no entanto, que os homens estão presentes nesses documentos mesmo que implicitamente, pois quando se fala das desvantagens da mulher, há uma comparação com os homens, quando se fala da violência doméstica sofrida pelas mulheres, os homens são apontados como principais agressores.

2 Soberania, poder absoluto, autoritário, exercido sobre outros.



Dessa forma, para Connell não conseguimos compreender interesses, problemas ou a diversidade desses homens.

Quando ao discutir as relações de gênero, deixamos de olhar e problematizar o homem, logo, contribuímos para a reprodução da ideia de que esse sempre foi como é e não nos atentamos para o fato de que assim como a feminilidade na mulher, a masculinidade também é construída e moldada pelos contextos históricos e sociais dos quais fazemos parte.

Silva (2014) destaca que no processo pedagógico a conduta recomendada é a tolerância com a diferença e a diversidade, mas questiona se essa seria a melhor abordagem, se não seria mais proveitoso conduzir a uma discussão sobre a produção da identidade e da diferença, visando uma pedagogia crítica e questionadora de fato.

Penso que dessa forma podemos fugir daqueles discursos que não ajudam no progresso da discussão sobre gênero apontados por Connell (2016): primeiro o reacionário que reivindica o debate sobre o homem nos documentos internacionais para a igualdade de gênero e na sociedade como um todo, que querem “direitos para os homens” ou mesmo que acusam o feminismo de roubar seus espaços e privilégios.

Em segundo, aqueles discursos que compreendem que precisamos discutir mulheres e também os homens, mas que os colocam em oposição, não sendo analisado o caráter relacional do gênero, não sendo compreendidas as relações entre a construção do masculino e feminino em conjunto, bem como as noções destes como únicas e imutáveis formas de expressão do gênero e do sexo.

De certa forma, buscamos levantar nas propostas aqui sugeridas vários questionamentos sobre os discursos que constroem essa identidade masculina, ou melhor falando, as identidades masculinas, e dessa forma ao pensá-las, correlacionar à construção do feminino e entender que um influencia diretamente o outro, além de perceber que na construção dessa dualidade existem sujeitos que escapam, que não se encontram dentro dessas definições, e então, refletir sobre a não-binariedade.

Esperamos que a partir de cada proposta, o grupo de estudantes possa refletir sobre algumas das diversas dimensões que compõem as masculinidades, que influenciam no modo de ser homem, que interferem na forma como eu homem me porto diante das outras pessoas, e que assim estes possam ser instigados a levarem o assunto das relações de poder envoltas nas relações de gênero para outros



ambientes e para as suas vidas, tornando-se pessoas mais críticas, que compreendem, respeitam e valorizam a diversidade.

Para isso é necessário que nós docentes possamos também compreender a complexidade que é o corpo. Este, que pode ser enxergado em sua anatomia e fisiologia, porém, os aspectos socioculturais que interferem diretamente em sua constituição, podem e devem ser considerados.

Essas dimensões se atravessam a todo momento, mesmo que sejam vistas muitas vezes como opostas e separadas, é imprescindível percebê-las em suas particularidades, mas também em conjunto. Devido a isto, vamos pensar e perceber como o corpo masculino se dá dentro dessas perspectivas.

Por uma perspectiva biológica, o corpo masculino tende a ser largamente analisado, principalmente nas aulas de Ciências e de Biologia. Ele é percebido, como citado anteriormente, enquanto um corpo possuidor de pênis, saco escrotal, glândulas seminíferas que produzem os espermatozoides, e capaz de se reproduzir. Nele são destacadas as infecções e/ou doenças que podem interferir na sua reprodução com ênfase na infecção pelo HIV. É um corpo também possuidor de taxas de normalidade e anormalidade, tratado na sala em muitos casos em partes separadas, sem identidade.

No processo de ensino sobre os órgãos e sistemas, frequentemente aprendemos a partir de imagens que focalizam a função de cada parte e que mostram como acontece cada processo, cada ciclo. O corpo masculino é então enxergado por uma visão essencialista, focada na ideia do corpo maquinário, que exerce funções e que necessita de manutenção para continuar a funcionar.

Os essencialismos cristalizam as identidades e quando pensamos a identidade de gênero, por exemplo, a Biologia é uma área de conhecimento utilizada para justificar a suposta superioridade física e psicológica do homem em relação à mulher, ou mesmo a noção da correlação entre genitália, sexo, gênero e sexualidade, para dizer assim que quem nasce com pênis é homem e será heterossexual.

Vale enfatizar que tais características que são colocadas enquanto naturais, mas na verdade são interpretações. Para Silva (2014) todos os essencialismos são culturais, mesmo o biológico, pois antes ele é uma interpretação, são discursos que dão significado a um corpo que sem essa interpretação, não pressupõem nada.

O perigo de naturalizarmos comportamentos que são culturais é o de reproduzirmos ideias de que a violência faz parte da



masculinidade, de que homens por serem mais fortes fisicamente estão mais aptos a ocuparem certos setores no mercado, de que homens por terem mais agilidade ou habilidade serão melhores escolhas para o trabalho, de que por não engravidarem têm preferência em vagas de serviço.

Além disso, são considerados sem habilidades para os cuidados dos filhos, ou mesmo da casa, que por terem a “carne fraca” são mais suscetíveis trairão adultério e a serem perdoados, e que naturalmente o espaço de prestígio e dominação é seu por direito, justificando os maus tratos às mulheres e demais homens que não honram sua genitália, insistindo em se “comportar como mulheres”.

É importante dizer que não pretendemos aqui condenar o estudo da Biologia do corpo masculino, pelo contrário, todo o trabalho que desempenhamos é em busca de divulgar e promover a Ciência, principalmente reconhecendo que nos últimos anos experienciamos um crescimento do negacionismo científico sem precedentes, da volta de doenças praticamente extintas por conta de crianças que não foram vacinadas, além de um desmonte da saúde e educação públicas, nos quais as universidades sofreram cortes de verba severos e por consequência, tendo suas pesquisas prejudicadas, bem como foram acusadas com discursos que nada traduziam o impacto e importância que as universidades têm para o país.

Sobre esta questão, pesquisadores e alunos foram acusados de fazerem balbúrdia³ e de não produzirem nada. A pandemia escancarou a necessidade de valorização que profissionais da saúde e da educação carecem, além do desafio de retomar uma consciência sanitária coletiva a nível nacional.

Falar do corpo biológico é refletir acerca do cuidado com o ambiente, do gesto de empatia que é se vacinar, utilizar máscaras, e isto se mostra mais necessário que nunca. Precisamos compreender como nosso corpo funciona para podermos buscar os melhores meios de cuidá-lo, de nos mantermos saudáveis e ativos, porém, não podemos cair na armadilha de enxergar nosso corpo somente por esse viés biológico. O corpo sofre influência direta da cultura e não devemos separar as discussões, pelo contrário, é importante contextualizar e localizar os sujeitos sociais na discussão biológica.

O corpo masculino dentro de uma dimensão sociocultural pode ser enxergado como o corpo que tem uma raça, uma etnia,

3 “Balbúrdia” e “arruaça”: MPF processa Abraham Weintraub por ofensas contra universidades públicas, [disponível aqui](#).



uma nacionalidade, que apresenta saberes e técnicas passadas por gerações, que tem profissão, locais e acessos próprios e legitimados, que podem experimentar o gênero e o sexo de forma que escapam à noção binária, que se insere em relações de poder que os privilegia em diversos aspectos, mas que também pode ser dividido em grupos com maiores ou menores privilégios. Aqui podemos perceber a amplitude do debate e compreender que os aspectos biológicos devem conversar com os socioculturais.

A saúde masculina pode ser discutida com base na ideia de virilidade que é parte constitutiva da masculinidade e que tende a levar os homens a não demonstrarem fraquezas ou vulnerabilidades e a não procurarem ajuda, seja no âmbito psicológico ou corporal, o que faz com que esses homens se desloquem a um consultório já em última instância, prejudicando sua saúde.

Podemos discutir o acesso à saúde fazendo um paralelo entre homens ricos e brancos, e homens pobres e negros. Podemos pensar os programas e acesso à saúde do homem cis⁴ e do homem ou da mulher trans. Podemos, simplesmente, pensar as pessoas transgênero⁵, ou as pessoas intersexo⁶. Essas populações geralmente não são contempladas nas discussões escolares, nos materiais didáticos, nem por uma perspectiva biológica, nem por uma perspectiva sociocultural.

Os discursos que tratam da transgeneridade como patologia são absurdos mas comuns, os discursos que tentam adequar o corpo da pessoa intersexo à um “sexo verdadeiro” são cruéis mas corriqueiros. A simples existência e resistência, porém, desses indivíduos os tornam poderosos argumentos e razões para que possamos compreender que a binariedade não dá conta do gênero, que o ser humano é muito mais diverso que apenas duas categorias universais (BUTLER, 2021).

Esses dois grupos que parecem não existirem na escola e nos materiais didáticos, mas que existem dentro e fora desse ambiente contribuem para que o debate não morra. Os estudantes podem ser direcionados a uma realidade distante da deles dentro da escola, mas no contato com sua comunidade, com o acesso às redes sociais e em suas vivências, irão conhecer a diversidade que os cerca, portanto, a

4 Cisgênero ou Cis são aquelas pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer com base em suas genitálias, ou seja, pessoas que não são transgêneras são cisgêneras.

5 O [Manual de Comunicação LGBTI+](#) apresenta a definição da Aliança Nacional LGBTI (2010) que informa que *Transgênero* é uma terminologia utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros. São pessoas cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade.

6 A intersexualidade se trata de um termo guarda-chuva para descrever pessoas que nascem com anatomia reprodutiva ou sexual e/ou um padrão de cromossomos que não permitem a classificação destes como sendo tipicamente masculinos ou femininos (GLAAD, 2016).



escola precisa debater, discursar, representar, ouvir esses indivíduos e fazer isso partindo da perspectiva do respeito, da empatia, da valorização, e não da patologia.

Não podemos retornar a uma abordagem reducionista do corpo, não podemos tentar buscar razões biológicas para questões socioculturais, a neurociência ou a genética não dão conta da identidade de gênero, da orientação sexual, da expressão, das práticas afetivas e sexuais, da forma como lidamos e concebemos o masculino, o feminino, e tudo o que transita entre essas rígidas definições.

Compreendemos em Connell (1995) e Vigoya (2018) que as masculinidades são muitas, podem se desenvolver em um mesmo local, e apresentam entre si desigualdades. Connell fala das masculinidades cúmplices, nos quais homens não adotam o modelo mais rígido de masculinidade para não sofrerem as consequências de tal escolha, mas ainda assim se privilegiam das oportunidades dadas aos mesmos só por serem homens.

A autora fala também das masculinidades marginalizadas, nos quais grupos diferentes de homens apresentam certo poder sobre outros, ponto esse destacado também por Vigoya ao falar que as relações de masculinidades precisam levar em consideração as categorias de raça, etnia, classe, etc.

O grupo de homens europeus, por exemplo, tem mais benefícios em relação ao grupo de homens negros, africanos, sulamericanos, latino-americanos. O grupo de homens gays terão mais prejuízos sociais em relação ao grupo de homens heterossexuais, assim como o grupo de pessoas transgênero terão maiores prejuízos se comparado com o de pessoas cis.

Neste sentido, a masculinidade é construída por uma série de características que variam de acordo com sua vivência, ela não é única, não é dada à priori, logo, é seguro pensar que ela pode ser encontrada em outros indivíduos que não aquele possuidor de um pênis. A masculinidade em mulheres, em *drag kings*⁷, ou a feminilidade em homens ou drag queens, nos mostram que as fronteiras do gênero como expressão não são muros, mas cortinas de fumaça.

A própria performance como *drag queen* ou *drag king* são exemplos de como podemos nos desapegar de conceitos tão inflexíveis, visto tal prática estar presente enquanto arte há muito tempo na história do teatro, do cinema, da TV, das casas noturnas, do mundo

7 Versão “masculina” da drag queen, ou seja, trata-se de uma mulher que se veste com roupas masculinas para fins de trabalho artístico (ABGLT, 2010).



do entretenimento em geral, e estando hoje se consolidando em um processo inesperado e de uma força intensa e revigorante, como um meio pelo qual homens, mulheres, não-binários⁸, cis, trans, gays, lésbicas, bissexuais e até mesmo (e não muito raro), heterossexuais.

Através dessa arte podem se expressar, criar e se fazerem reconhecidos no canto, na atuação, na academia, nas mídias, no jornalismo e até mesmo na sala de aula. A performance como *drag queen* ou *drag king* é sobre não se levar a sério, diz mais respeito ao desenvolvimento de senso de humor, de estética, de criatividade, de autoconfiança, do que com a sexualidade. Não há limites para *drag*, como não há para o gênero.

Até aqui cremos que conseguimos perceber a complexidade do tema, mas também sua presença e necessidade. Devemos promover o debate sobre os homens e as masculinidades, mas nos mantendo também cientes de certos riscos que precisamos contornar, riscos esses apontados por Vigoya (2018) ao pontuar três principais: o de que há uma simetria entre os gêneros e as desigualdades, na qual a autora indica que devemos historicizar com base nas relações de poder tais desigualdades e não igualá-las. O de não considerar as particularidades em cada grupo de homens aos quais são distribuídos de forma desigual, custos e benefícios de serem homens.

Por fim, o de acreditar que os comportamentos sexistas são fruto somente da ignorância, ou seja, não vamos enquanto docentes, transformar todos os homens e erradicar a violência contra as mulheres, isso faz parte de uma rede maior de cumplicidade masculina e demanda ações conjuntas e enfáticas de diversos setores públicos que não somente a Educação. Dito isto, a escola, seus profissionais, seus estudantes, são ambiente e agentes potentes para o início da construção de uma consciência crítica.

8 Pessoas transgênero que não se identificam totalmente com o masculino ou com o feminino, compreendendo que o gênero não se dá somente por uma visão binária onde apenas o masculino e o feminino são verdadeiros e possíveis.



2 FORMAÇÃO DOCENTE PARA A CONTEXTUALIZAÇÃO E DIVERSIDADE DO CORPO MASCULINO

Professores e Professoras são ao mesmo tempo agentes da sistematização e da desestabilização, no sentido de que enquanto mediadores na sala de aula utilizamos métodos que nos permitem organizar uma discussão, estruturar caminhos, planejar ações, delinear objetivos, mas também apontamos problemas, levantamos debates, instigamos a dúvida, problematizamos conceitos e refletimos sobre a percepção de si enquanto cidadão pertencente à uma sociedade.

A partir de metodologias que facilitam nosso planejamento, levamos os estudantes à incerteza que através do diálogo, da troca, pode se converter não em certeza, mas pelo menos, em possibilidades de enxergar o mundo, de perceber as relações, de conceber o conhecimento científico e de relacionar os saberes com o seu meio.

Assim como devemos nos manter curiosos e atualizados com relação aos temas que envolvem o campo da Educação, é também nosso trabalho incentivar a curiosidade em nossos/as alunos/as. Dificilmente os cursos de ensino superior irão preparar um profissional para tudo o que poderá encontrar no cotidiano da sua área. Estamos em uma era de rápidas e intensas mudanças nas formas de lidar com o mundo, de se comunicar, de se locomover, de se apresentar, de se criar, de se trabalhar, de se aprender e de se ensinar. É imprescindível que a formação de diversos profissionais, inclusive os docentes, seja contínua.

Entendemos que a formação inicial não dá conta de todos os temas da realidade e que a formação continuada é necessária a qualquer profissional que deseje se manter ativo, no entanto, lembrando a discussão do capítulo anterior, não podemos naturalizar e conceber essas situações como dadas e/ou imutáveis.

Podemos e devemos repensar o currículo da formação inicial para que este se faça atual, em consonância com o meio e o tempo no qual se inscreve, bem como o acesso e promoção da formação continuada para que o maior número de profissionais possam se aperfeiçoar em temas diversos que não tiveram contato ou ainda não sentem-se aptos a discutirem em sala.

Quando pensamos nas relações de gênero, nas quais a discussão da produção do corpo masculino e das masculinidades está inserida e a compreendemos enquanto parte estrutural da sociedade, afirmamos a importância que é problematizá-las dentro do espaço escolar. O



“gênero”, no entanto, não é um tema unânime ou mesmo esquecido, pelo contrário, as opiniões sobre a discussão dessa categoria no espaço escolar são fervorosas e na maioria das vezes, opostas. Existem pais, mães, responsáveis, professores/as, gestores/as dos estudantes que não desejam que estes tenham acesso a tal discussão, enquanto existem outros que enxergam como um tópico necessário na sala de aula.

Nós docentes, assim como diversas outras profissões, temos direitos e deveres, obedecemos às leis e nos respaldamos em documentos e políticas. Podemos desta maneira, compreender o nosso papel profissional e humano nas discussões sobre gênero na escola, a partir da análise do tema nos principais documentos educacionais que de alguma forma dissertam sobre. É importante resgatar esses textos diante de um cenário dividido como o que nos encontramos para que não nos percamos em discussões rasas e sem fundamentação.

O primeiro documento que faz a ação de incluir a discussão de gênero de forma enfática são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino fundamental, publicados em 1997 após o recebimento de pareceres de docentes de todo o país. Os PCN apresentam orientações para a formulação do currículo dos municípios e estados, não são diretrizes ou uma obrigação, mas servem de referência para tal ação. O documento foi dividido em dez volumes, nos quais os três últimos são dedicados aos chamados Temas Transversais, sendo o volume 10 intitulado: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.

O tópico “Orientação Sexual” vem então subdividido em duas partes, na qual a primeira aborda a sexualidade na infância e adolescência, contextualizando com as relações escolares e definindo os objetivos para tratar o tema no ensino fundamental, e uma segunda parte que por sua vez se divide em três tópicos para trabalhar os conteúdos do tema Orientação Sexual, sendo eles: 1) Corpo: matriz da sexualidade; 2) Relações de gênero; 3) Prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS.

Os PCN são considerados um marco nas discussões de gênero no ambiente escolar, por de forma notória incluir temas assim no planejamento curricular das instituições de ensino de todo o país, por considerar estes como tópicos não somente possíveis, mas necessários para a compreensão da vida em sociedade e o preparo dos estudantes para tal. Além de conceituar gênero, o documento inclui como propósito “combater relações autoritárias, questionar a rigidez



dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação” (BRASIL, 1997, p. 322).

Adentrando o século XXI, logo no início da sua primeira década, temos no ano de 2001 a instituição do Plano Nacional de Educação (PNE) que é decenal. O Plano descentralizou os poderes delegando que Estados, Distrito Federal e Municípios criassem os seus próprios planos de educação, com base nos direitos humanos universais. Este documento é interessante para a nossa análise, pois nos permite perceber como a categoria gênero foi se tornando um tema potente e importante para o cenário político nacional.

Se os PCN introduziram os Temas Transversais e a necessidade de discuti-los de forma interdisciplinar na escola, incluindo aí a orientação sexual, o PNE destacou a importância de trazer esses temas já para a formação inicial, ora, para que as relações de gênero e a sexualidade sejam debatidas de forma ampla, ética e responsável na sala de aula, é imprescindível que o/a docente seja preparado para tal. Portanto, o documento coloca como sua 12^o meta:

Incluir nas diretrizes curriculares dos cursos de formação de docentes temas relacionados às problemáticas tratadas nos temas transversais, especialmente no que se refere à abordagem tais como: gênero, educação sexual, ética (justiça, diálogo, respeito mútuo, solidariedade e tolerância), pluralidade cultural, meio ambiente, saúde e temas locais (BRASIL, 2001, p. 35).

Tendo que atualizar suas metas em 2011, o PNE passou a ser novamente discutido, porém, desta vez, em um cenário sociopolítico tomado por uma onda conservadora que pautava o debate nacional, mas que fazia parte de uma tendência mundial, se utilizando de diversos temas com apelo ao caráter tradicional utópico da família brasileira, e um dos principais temas seria justamente o gênero.

Foram-nos apresentados a chamada Ideologia de gênero⁹ e o Kit Gay¹⁰, que são exemplos de como o tema se tornou central, pauta identitária em muitas campanhas, dando visibilidade e causando reações na população, todavia, em muitos casos essa divulgação foi feita por meios arbitrários como, por exemplo, a disseminação de fake news e a criação de conceitos e métodos que não apresentavam qualquer embasamento nas teorizações e propostas para o debate sobre gênero e sexualidade na escola (CARDOSO *et al*, 2019).

9 Projeto estabelece que gênero é igual ao sexo biológico ao nascer. Agência Câmara de Notícias. [Disponível aqui](#).

10 Projeto de distribuir nas escolas kits contra a homofobia provoca debate. G1. [Disponível aqui](#).



Essa ascensão do setor conservador da sociedade fez com que retrocedêssemos na discussão do gênero na escola. No PNE publicado em 2014 com vigência até o ano de 2024 as menções às questões de gênero já não se fazem presentes, assim como ocorreu no processo antidemocrático que deu origem ao texto final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017.

A BNCC chegou a mencionar em suas duas primeiras versões as relações de gênero e a sexualidade como objetos de estudo dentro de um contexto de diferentes religiões, entretanto, em seu último e definitivo texto, teve qualquer menção retirada, cedendo à pressão desses setores conservadores (CARDOSO *et al*, 2019).

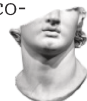
Esse embate sobre discutir ou não a categoria na escola continua, no entanto, documentos mais recentes destacam novamente a necessidade de presentificar o gênero na sala de aula e na formação. Um deles é a Agenda Global da ONU: “Transformando nosso mundo: A agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável”, lançado em 2015 e que traz os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) colocando como 5º objetivo “alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”, e aqui lembramos que ao discutir as desigualdades que as mulheres estão sujeitas devemos também discutir a produção dessas desigualdades nas quais o homem está diretamente relacionado.

Outro documento que devo destacar aqui é a Resolução CNE/CP Nº 2, de 1º de julho de 2015, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada, e que nos interessa justamente por dar foco à formação do professor e da professora que também trabalhará o gênero em turma.

A Resolução diz que o currículo dos cursos deve não somente abordar os temas específicos da área de formação, como também de políticas públicas e gestão da educação, incluindo a formação em diversidade sexual, de gênero e étnico-racial. Além disso, o documento ainda define aptidões para os egressos das licenciaturas como:

VII - identificar questões e problemas socioculturais e educacionais, com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais e outras;

VIII - demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-



racial, de gêneros, de faixas geracionais, de classes sociais, religiosas, de necessidades especiais, de diversidade sexual, entre outras; (BRASIL, 2015, p. 8).

Após essa resolução de 2015 tivemos ainda a Resolução CNE/CP N° 2, de 20 de Dezembro de 2019 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação) que não coloca em seu texto como objetivo ou meta a discussão do gênero ou da sexualidade.

Tivemos ainda no ano seguinte a Resolução CNE/CP N° 1, de 27 de Outubro de 2020 que dispõe das mesmas diretrizes, porém com foco na formação continuada de professores da educação básica. Este documento no entanto, já cita como competências específicas e habilidades da dimensão da prática profissional o ato de “Promover o respeito e a participação de todos os alunos nas ações educativas, considerando a diversidade étnica, de gênero, cultural, religiosa e socioeconômica” (BRASIL, 2020, p. 12).

Neste ínterim, observamos que mesmo diante de retrocessos, os documentos nacionais da Educação respaldam o debate sobre a diversidade das relações de gênero e sexual não somente na escola com os/as estudantes, mas nas instituições de ensino superior com os/as futuros/as professores/as.

É necessário reconhecer que temos um papel enquanto profissionais a desempenhar, que é o de sermos inclusivos, democráticos, que devemos guiar nossas práticas pelo viés da empatia, da alteridade e para além da tolerância com a diferença, devemos promover e valorizar a diversidade.

Não podemos desviar o olhar de números, dados, estatísticas, exemplos diários que indicam a violência para com grupos que não fazem parte do perfil hegemônico e privilegiado que é o grupo de homens brancos cis heterossexuais. Os feminicídios são diários e perecem diante da falta de investimento em políticas de combate à violência contra a mulher, os crimes que têm a homofobia, lesbofobia e transfobia como motivação fazem parte do cotidiano brasileiro.

Mesmo que não cheguem às grandes mídias, o genocídio dos povos negros e indígenas é histórico e contínuo em nosso país. A intersecção entre esses sujeitos torna alguns perfis mais suscetíveis à serem alvos da violência física, moral e psicológica, como mulheres, negras, transexuais e travestis. Como já discutido anteriormente, a



produção dessas desigualdades perpassa a construção do masculino e por consequente, o feminino, que é pautada em relações de poder.

Diante dessa realidade os discursos sobre Ideologia de Gênero e como esse conceito criado pelo próprio grupo conservador seria o responsável pela destruição da estrutura da família brasileira, se mostram cruéis, descolados da realidade, mas denunciam as intenções de quem os utiliza.

No contexto recente maranhense tivemos a revogação da Lei Nº 11.827/2022 sancionada pelo governador Carlos Brandão que obrigava estabelecimentos públicos e privados a colocarem placas contra a LGBTfobia, placas essas que deveriam ter a frase “É expressamente proibida a prática de discriminação por orientação sexual ou identidade de gênero”.

A sanção foi suficiente para a disseminação de *fake news* de que os banheiros de qualquer estabelecimento seriam unissex e que, portanto, as crianças estariam sujeitas a frequentarem o mesmo local que “homens biológicos” e que poderiam sofrer ataques de “pedófilos disfarçados de mulher”. As informações falsas foram prontamente desmentidas, visto que a lei nem ao menos citava banheiros, o que não foi suficiente para barrar sua revogação em 1º turno pela Assembleia Legislativa do Maranhão.

O medo do que é diferente rapidamente se transforma em ódio e perseguição. Dizemos que discursos assim são cruéis, pois vilanizam um grupo que é assassinado todos os dias, e que inclusive têm o banheiro como um local de desconforto, angústia e más memórias. Violências de gênero como essas acontecem inclusive na escola, sendo muitas vezes o início dos atos de discriminação.

Para Louro (2017), a escola é um dos lugares mais cruéis para se viver formas não hegemônicas de sexualidade, pois,

[...] adiscriminação, o repúdio e o deboche se esgueiram e se infiltram nas piadas, no recreio, nas paredes dos banheiros, nas escolhas de parceiros e parceiras dos jogos, das brincadeiras ou dos grupos de estudo. Suas marcas nem sempre são imediatamente visíveis, como costumam ser as marcas da violência física, mas podem ser particularmente persistentes e duradouras. As violências do cotidiano, por vezes miúdas e consentidas, se diluem, se disfarçam e se propagam exponencialmente. (LOURO, 2017, p. 66).

Dessa forma, não trazer à tona a construção dessas diferenças, desses preconceitos, e as práticas de exclusão e de ódio cotidianas, seria estar conivente com a reprodução de tais atos ou mesmo a



omissão diante de assuntos tão sérios, tendo em vista que o período escolar é um momento de formação identitária para esses estudantes e que as relações com seus colegas, professores, gestores e demais profissionais da escola são decisivas para diversos aspectos referentes à sua capacidade de socialização, de desenvolvimento da criatividade, de conhecimento de si e de construção da autoconfiança.

A escola é um local de reprodução de estereótipos de gênero, mas também é local potente para discussão, é espaço transformador. O próprio fato de não somente o espaço escolar, mas também a nossa profissão ser genericada, ou seja, ter sido estruturada e modificada historicamente com base nas relações de poder incrustadas nas relações de gênero, é razão para repensarmos nossas práticas, refletirmos sobre como este é um tema inescapável, que faz parte da estruturação social, somos feitos nele, então porque o mesmo não deveria estar nas pautas da sala de aula?

A presença maior de mulheres nos cursos de pedagogia, de professoras na sala de aula em relação à professores, principalmente na Educação Infantil e Ensino Fundamental não é por acaso. A Educação que antes era vetada às mulheres se mostrou uma carreira possível e “natural”, tendo em vista que após o processo de catequização e formação de jovens brancos ricos, feito pelos jesuítas (anteriormente citado aqui), a profissão docente continuou sendo um espaço de respeito onde homens eram tidos como mestres e exemplos a serem seguidos, porém, quando ela deixa de ser proibida às mulheres essas são incentivadas à ocuparem o cargo de professoras.

Quando isso acontece, há uma mudança no perfil da profissão que deixa de ser visto como espaço de homens considerados mestres sábios e temidos para ser o lugar de mulheres com características maternas como a delicadeza, paciência e tato com as crianças, trabalhando principalmente com a alfabetização. Esse processo discutido por Louro (2014) é conhecido como a feminização do magistério.

É ainda observado que os homens que continuam no espaço escolar tendem em sua maioria a ocupar cargos como o de gestor que os dá maiores poderes na escola ou, quando na docência, ocupam o posto de professores de educação física ou de ciências exatas, áreas vistas como masculinas.

A própria docência foi pautada nas diferenças de gênero construídas sobre os conceitos de masculinidade e feminilidade. Por isso, aqui buscamos pensar meios que auxiliem nas práticas



de uma docência que leve em consideração a construção cultural contemporânea e a produção dessas diferenças.

Enxergamos o/a docente como sujeito chave na integração dessas relações de poder com as vivências dos estudantes e na sua formação como sujeitos críticos, que pensam sobre suas práticas diárias e não apenas reproduzem discursos de ódio, preconceito e exclusão como naturais.

Defendemos, com base no texto de Silva (2014, p. 99) que as perguntas centrais para a formação do currículo e dessa pedagogia que valoriza a diferença sejam: “Como a identidade e a diferença são produzidas? Quais são os mecanismos e as instituições que estão ativamente envolvidos na criação da identidade e de sua fixação?”.

Aqui refletimos sobre aspectos que deixam nítida a necessidade de (re)formular ou pôr em prática os currículos dos cursos de formação docente para a integração da discussão das relações de gênero e a contextualização dessas com aspectos sociais, políticos, econômicos, de saúde, etc., observamos movimentos de progresso nesse sentido, como também de retrocessos e no cotidiano ouvimos, vemos e percebemos opiniões diversas sobre o tema, mesmo havendo o respaldo de diversos documentos que regem a educação nacional. Diante disso, devemos pensar também acerca de duas coisas: autonomia e metodologia.

A autonomia docente é uma característica que deve estar presente nas práticas desse profissional durante toda a sua carreira. Autores como Paulo Freire (1996) e Francisco Imbernón (2012) tratam desse tema incentivando sempre que o/a docente desenvolva um perfil curioso, questionador, que esteja em busca do aprimoramento a partir da leitura de novas literaturas, do conhecimento de novas metodologias, que o professor pode criar e não precisa esperar que terceiros o digam o que fazer.

Nesse sentido, o reconhecimento de que “eu, enquanto professor, não me sinto apto ou à vontade para discutir as questões de gênero na sala de aula” deve me redirecionar para a busca de materiais que me auxiliem nessa jornada. Livros, textos, vídeos, filmes, artigos e cursos são alternativas a serem consideradas para o aprimoramento quanto à discussão da diversidade de gênero.

A promoção de formação continuada por parte da escola, do município, do estado e do país é fundamental para tentar suprir as lacunas encontradas nos currículos das licenciaturas no decorrer da história da formação dos professores no Brasil. Os professores e as



professoras que há muito tempo já se formaram provavelmente não tiveram contato com o tema, e aqueles que tiveram precisam também sempre se atualizar.

Ao mesmo tempo em que compreendemos e concordamos com o desenvolvimento da autonomia docente, entendemos que o acesso a muitos recursos nem sempre é possível, além da quantidade de tarefas que o profissional docente precisa dar conta, o que não o possibilita nem mesmo tempo de lazer, reiterando ainda mais a importância da promoção de políticas nesse sentido por parte do Estado.

Se existe a autonomia, a vontade de se discutir, o preparo para tal, é importante pensar também no como, na forma como essa discussão vai ser levada para a sala, logo, é necessário que haja possibilidades, propostas, meios que fomentem o debate e permitam que a mensagem do respeito, da promoção e valorização da diversidade seja repassada. Esses métodos podem e devem ser pensados, criados, desenvolvidos, testados pelos próprios professores e professoras, que também devem compartilhá-los para que outros possam se beneficiar dessa produção de conteúdo.

É fato que diante do cenário conservador e dividido do nosso país não é simples para o/a docente promover essas dinâmicas, e aqui entra o nosso compromisso com a ética, inclusão, valorização da diversidade e com a ideia de uma Educação pública gratuita, democrática, crítica, que objetiva tornar o/a aluno/a um ser do futuro, menos machista, misógino, sexista. É sempre necessário lembrar-se de Freire (1996, p. 16) afirmando que “ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”.



3 PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA A DISCUSSÃO DO CORPO MASCULINO

A prática docente se faz em um ambiente complexo que é a escola, cenário de construção de identidades, de embate de ideias, de convívio com a diversidade de opiniões, de corpos, de atitudes e por isso, o/a docente se vê diante do desafio de pautar temas necessários para a construção da criticidade de cada discente.

O “como fazer” tem grande importância, visto que a forma como se fala sobre algo pode gerar curiosidade, dúvida, interesse, desinteresse, apreço ou até aversão. Se tratando de um tema como as relações de gênero, a construção do corpo masculino e das masculinidades, entendemos que os discentes já têm contato com tais discursos diariamente, e por isso, devem ter suas vivências levadas em consideração e ouvidas. Aqui propomos então, pensarmos um pouco sobre Proposta Pedagógica antes de sugerir algumas ideias para a discussão do corpo masculino nas aulas de Ciências e de Biologia.

Como o nome indica, trataremos de uma metodologia que propõe, sugere, recomenda, logo, as Propostas Pedagógicas são indicações de formas para se trabalhar um determinado tema, que pode ser repensado pelo/a docente, que precisa ser adaptável. O próprio conceito de Proposta Pedagógica é dinâmico e complexo, Sá-Silva (2022) prefere utilizar o termo “conceituação” quando se refere a esse método, pois entende que o mesmo se metamorfoseia e se transforma a partir das possibilidades.

Para o autor, podemos enxergar Proposta Pedagógica por duas perspectivas: uma macroeducacional e a outra com foco no microeducacional. Sobre a perspectiva mais ampla, o autor concebe a proposta pedagógica como pensamento educacional, no qual,

[...] o ensino e a aprendizagem podem ser direcionados a partir de legislações, aparelhos e instituições, visibilizando a perspectiva macroeducacional. Aqui, entram em cena as legislações educacionais nacional, estadual e municipal. Assim, por exemplo: a proposta pedagógica da Secretaria de Educação do Estado X se configura da seguinte forma; a proposta pedagógica para o ensino de Ciências da Secretaria de Educação do Município Z se inscreve a partir das seguintes deliberações; a proposta pedagógica da escola Y apresenta os seguintes fundamentos (SÁ-SILVA, 2022, p. 15-16).



Dentro dessa perspectiva macro, compreendemos que cada uma dessas instâncias possui suas próprias propostas pedagógicas como indicações de como a educação e o ensino deve se dar sob um território. Quanto à perspectiva microeducacional, Sá-Silva (2022) a compreende como materialidade didático-pedagógica e nesse sentido, o autor pensa sobre o fazer educacional a partir de locais como:

[...] o ambiente escolar, a prática professoral, os componentes curriculares, as metodologias de ensino, os recursos didáticos, as avaliações produzidas, etc. Aqui, quero focalizar também as estratégias de ensino que são diversificadas; as práticas pedagógicas pensadas para um determinado nível de ensino; as experiências professorais produzidas, vivenciadas e testadas em diferentes espaços didáticos, etc.; os projetos didáticos escritos para serem executados; as intenções inscritas em planejamentos de ensino e planos aulas; as inventividades professorais ao criarem recursos didáticos e proporem estratégias de ensino com diferentes perspectivas metodológicas e avaliativas; os ajustes realizados em metodologias tidas como consolidadas, mas que são sujeitas a incrementos e novas formas de praticar; as feiras culturais e científicas inventadas por docentes e discentes, etc. A materialidade didático-pedagógica a que me refiro se inscreve no pensar sobre o fazer educacional, que estará inscrito num documento que se constituirá como guia de orientações para a prática pedagógica do/a docente. O material é a escrita que se consubstancia em ações para a ministração da aula, para a desenvoltura metodológica na apresentação dos conceitos científicos e/ou condução avaliativa a realizar (SÁ-SILVA, 2022, p. 16).

Nesse sentido, o microeducacional se insere no dia a dia escolar, na rotina também da utilização de métodos de aprendizagem, discussão, debate. O autor destaca ainda, a lacuna na escrita sobre essas práticas docentes, na qual os professores e professoras não documentam, publicam, divulgam ou compartilham as experiências desenvolvidas na escola, principalmente das testadas e exitosas.

O campo educacional é amplo e aqui já discutimos sobre a dificuldade do profissional estar preparado para todas as situações já na formação inicial. Existem cenários que só a prática poderá nos apresentar, por isso, o compartilhamento de experiências é produtivo para que o próprio profissional possa acompanhar o seu desenvolvimento no cotidiano docente, como para o auxílio a outros que buscam meios para trabalhar os mesmos temas ou até temáticas diferentes que podem se utilizar de um mesmo formato dinâmico de discussão.



Destacamos então, essa característica dinâmica e flexível da proposta pedagógica que no Brasil se faz ainda mais necessária. Vivemos em um país de dimensões continentais, com cinco regiões totalmente diferentes umas das outras, onde dentro dessas regiões temos estados com culturas, tradições, discursos e modos de discursar próprios. Afunilando ainda mais, podemos pensar que dentro de um mesmo estado, de uma mesma cidade e de uma mesma escola vamos encontrar pessoas que vêm de realidades diferentes, por consequência, apresentam vivências diferentes.

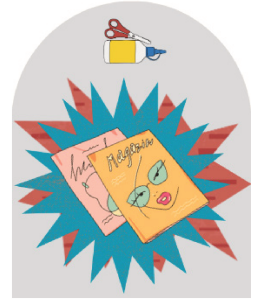
Neste sentido, é interessante uma dinâmica que possa ser adaptada, repensada, pelo/a docente a partir da realidade da sua escola. As propostas apresentadas aqui não são prescrições, receitas infalíveis ou imutáveis, mas sugestões a partir das quais pretendemos despertar nos/as professores/as a vontade de pensar sobre os temas e de inserir em suas práticas algumas das discussões aqui postas.

Com isso, as propostas pedagógicas inscritas nesse texto se localizam na perspectiva microeducacional definida por Sá-Silva (2022) ao serem alternativas de atividades para o cotidiano escolar, que partem desse fazer criativo docente e que foram inspiradas, adaptadas e/ou desenvolvidas com base em leituras, em outras dinâmicas e em nossas vivências acadêmicas e pessoais enquanto homens gays e professores que pesquisam sobre as relações de gênero nos materiais didáticos e no ensino de Ciências e de Biologia.

O objetivo principal de todas as propostas deste livro é fazer com que o/a docente ao conduzi-las, auxilie os alunos e as alunas a enxergarem como o poder atua sobre cada relação desenvolvida na sociedade, como é o caso das relações de gênero. Exemplos disso são os discursos biológicos, médicos, psicológicos e psiquiátricos, que contribuem para a naturalização da produção de uma norma e consequentemente das diferenças, ou seja, para a noção de padrão normal e anormalidades, o que se mostra uma prática perigosa e desumanizada ao colocar à margem corpos que não se encaixam num conceito construído de gênero e tirar destes seus direitos básicos.



3.1 FANZINE



Os Fanzines são espécies de revistas impressas ou feitas à mão que são construídas geralmente por pessoas admiradoras de algum artista, tipo de arte, algum passatempo e são voltados às pessoas que também se interessam pelo assunto por ele tratado. Em Magalhães (2004, p. 11 *apud* COSTA, 2021) aprendemos que “o termo fanzine é a contratação de *fantic* e *magazine*, do inglês, significa magazine do fã”. Geralmente eram feitas em pouca quantidade e não tinham pretensões econômicas.

O que torna o Fanzine uma proposta pedagógica interessante para a discussão do corpo masculino na sala de aula é justamente o seu caráter de publicação e divulgação livre, que se tornou veículo para que a juventude questionasse valores da cultura dominante, onde novos artistas, escritores e desenhistas surgiram e puderam expressar seu descontentamento a partir de novas expressões artísticas (COSTA, 2021). Dessa forma, a própria origem do Fanzine se relaciona com as reflexões que aqui pretendo promover: reflexões sobre os padrões de corpos masculinos e da masculinidade que se construíram historicamente a partir das relações de poder.

Título sugerido: Varal dos Homens

Objetivo Geral: Problematizar a naturalização do corpo masculino e das masculinidades a partir da construção de um Fanzine.

Objetivos Específicos: Identificar os discursos sobre o corpo masculino e as masculinidades em mídias impressas; Expressar sua visão sobre as relações de gênero no Fanzine; Exercitar a criatividade a partir da expressão artística.

Metodologia: A construção do Fanzine na sala pode ser um complemento ou culminância de uma discussão anterior sobre os aspectos biológicos e socioculturais do corpo, sendo importante essa conversa antes com os estudantes sobre noções construídas do corpo



masculino e das masculinidades, para que a confecção do Fanzine seja um meio de o/a docente perceber como os alunos enxergam as relações de gênero e como se veem diante dessa problemática. Desta maneira, podemos conduzir a dinâmica a partir das seguintes etapas:

1º Momento: O/A docente irá discutir o corpo masculino e as relações de poder envolvidas nas relações de gênero em consonância com conteúdos que tratam do corpo em sua dimensão biológica, seja quando fala da anatomia, ou do sistema reprodutor, ou mesmo das mudanças durante a puberdade, ampliando a visão do corpo orgânico para um corpo complexo, que apresenta aspectos biológicos e socioculturais entrelaçados em sua formação. Dessa forma, o estudante pode construir uma base para um melhor desenvolvimento de seu fanzine.

2º Momento: O/A docente explicará a atividade e solicitará que os estudantes tragam os materiais necessários para a confecção da revista. Se possível é importante que o/a professor/a também tenha materiais extras para que caso os estudantes não consigam levar, a atividade não seja prejudicada. É interessante também que o/a professor/a mostre aos alunos exemplos de fanzines, mesmo que somente por fotos online ou impressas, para que os mesmos compreendam o formato e a ideia desse recurso, bem como para já irem planejando e tendo ideias de como executar.

3º Momento: O Fanzine será então confeccionado, de preferência em sala de aula e de forma individual. As formas de se construir a revista são várias e podem ser ajustadas de acordo com os recursos e a criatividade. A revista é criada a partir de dobraduras, logo, existem várias formas de dobrá-la. No *YouTube* conseguimos visualizar algumas dessas formas, como no vídeos que deixamos [neste link](#).

Aqui indicamos uma forma que se dá a partir dos seguintes passos:

- a) Colocar uma folha chamex no sentido horizontal (formato paisagem) e dobrá-la ao meio, unindo a ponta de cima com a de baixo e abri-la;
- b) Dobrar novamente a folha ao meio, porém unindo a ponta da esquerda com a da direita, sem abri-la;
- c) Dobrar novamente a folha ao meio, unindo a ponta da esquerda com a da direita, sem abri-la;
- d) Abrir a folha por completo; nesse momento é possível perceber que a folha apresenta 8 partes marcadas pelas dobraduras que futuramente



serão as páginas do fanzine;

e) Dobrar a folha novamente ao meio, juntando a ponta da esquerda com a da direita, deixando visível 4 partes iguais, separadas pelas dobraduras;

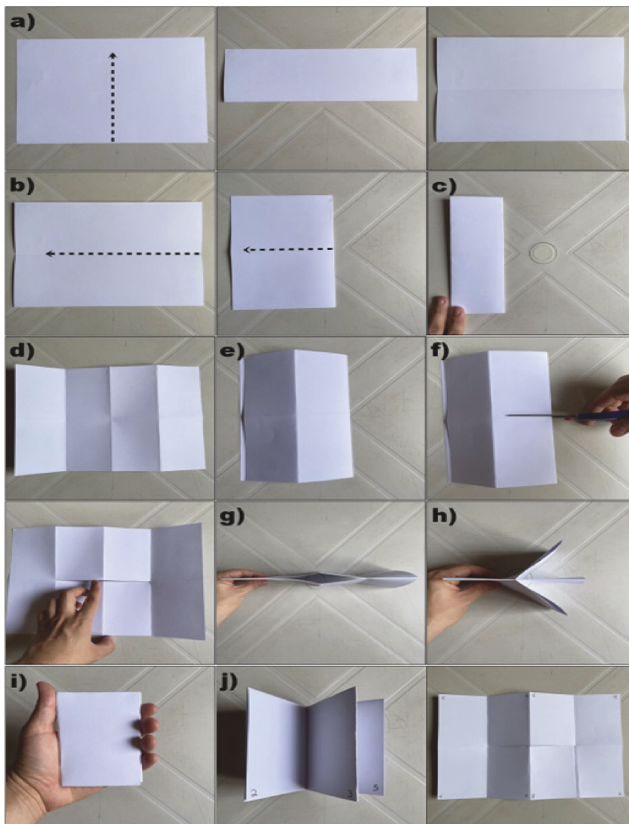
f) Cortar na dobra horizontal que separa um quadrante de cima com um de baixo, de forma que ao abrir a folha por completo ela fique com um corte no meio;

g) Dobrar a folha ao meio, juntando a parte de cima com a de baixo;

h) Segurar a folha dobrada e empurrar uma ponta de encontro a outra, de modo que o corte se abra e as páginas se encostem;

i) Fechar a folha para que ela se transforme em uma pequena revista;

j) Enumere as páginas e agora é só utilizar a criatividade e preenchê-la como preferir.



Fonte: Autoria própria, (2023).



7º Momento: Caso seja possível e de desejo de todos que realizaram a atividade, os fanzines podem ser divulgados e distribuídos. Ao finalizar a confecção, os fanzines podem ser abertos para ser tirada a xerox do material, após esse processo basta realizar a dobradura e corte novamente, e pronto, teremos cópias dos fanzines produzidos pelos alunos.

Materiais:

- Revistas Impressas;
- Livros;
- Folhas de chamex ou folhas em branco;
- Tesoura;
- Cola;
- Lápis de cor e/ou Pincéis;
- Lápis e/ou Caneta;
- O que mais quiser...

Para Pensar: O fanzine é um recurso estimulante e flexível, podemos criar fanzines sobre qualquer assunto, podemos utilizá-lo em qualquer discussão, em qualquer momento do ano, portanto, as ideias aqui sugeridas podem ser apenas um ponto de partida, o docente pode e deve adequá-las à sua realidade, pode acrescentar ou retirar, pode direcionar para outros conteúdos, outros momentos e outras disciplinas.



3.2 CARTILHA



A cartilha é um material educativo já muito utilizado não só pelo campo escolar, mas pelo da saúde, para a divulgação de informações sobre doenças, gripes, vacinação, tratamentos e prevenções. O campo político também utiliza deste material, seja em campanhas eleitorais ou para a divulgação de dados de realizações de obras ou até mesmo para falar de saneamento básico.

Além de muitos outros campos que se valem desse recurso para informar, denunciar uma situação ou alertar sobre algo. O fato de ser um recurso utilizado há muito tempo e por vários campos poderia torná-lo ultrapassado, porém a criatividade pode sempre se sobressair e tornar algo já conhecido em algo novo, interessante, excitante.

Geralmente as cartilhas são menores e apresentam uma quantidade menor de páginas e conteúdo, do que a maioria dos livros de literatura ou livros didáticos e paradidáticos. Entretanto, o seu interior pode ser bastante rico de informações e dinâmicas, o que faz com que seja um material que chama a atenção, principalmente se houver um cuidado com a parte visual, para que salte aos olhos de quem o recebe.

Um ponto interessante na cartilha também é que, ao contrário do Fanzine no qual a ideia principal é ter um caráter artesanal mesmo que existam as e-fanzines¹¹, ela pode ser produzida e divulgada online. É possível idealizá-la online, a partir de inúmeros programas ou sites e imprimir-la para fazer a divulgação na escola, no bairro, etc.

Diante de um cenário de disseminação de fake news no qual o nosso país vem se encontrando nos últimos anos, levar informações comprovadas, de fontes confiáveis e com uma linguagem acessível, objetiva, chamativa, é essencial para o combate às tentativas de manipulação social.

Neste sentido, a população pode se manter atenta e bem

¹¹ O e-fanzine apresenta as mesmas características do fanzine, porém, é feito virtualmente a partir de programas e aplicativos de edição.



informada, além disso, para que se promova o desenvolvimento do senso crítico não somente nos alunos e nas alunas, mas também nas pessoas que vivem à sua volta. Assim, podemos pensar a utilização da cartilha em diversas ocasiões dentro da escola e para diversos objetivos. Semelhante ao fanzine, a cartilha pode tratar de qualquer tema e dentro da nossa proposta aqui, podemos utilizá-la para informar sobre a saúde masculina.

Título sugerido: Homem também se cuida

Objetivo Geral: Idealizar e divulgar uma cartilha abordando temas referentes aos cuidados com a saúde do homem e seus aspectos socioculturais.

Objetivos Específicos: Incentivar o cuidado do homem com a própria saúde; Discutir sobre a infecção pelo vírus do HIV e desenvolvimento da AIDS; Informar sobre o acesso de homens e mulheres transgênero à saúde; Debater sobre saúde mental.

Metodologia: Como citado anteriormente, a cartilha pode ser aplicada em diversos contextos e para diversos fins, inclusive em outros aspectos da discussão sobre o corpo masculino, mas aqui daremos foco e iremos sugerir uma abordagem sobre a saúde do homem. O/A docente pode então desenvolver tal atividade nos seguintes momentos:

Momento 1: Assim como na aplicação do Fanzine e de algumas outras propostas à frente, é interessante que o/a docente desenvolva uma discussão prévia, ouça os estudantes, compreendam o que eles conhecem. Esse momento pode se iniciar com questionamentos ou mesmo com uma aula expositiva e dialogada sobre temas gerais e importantes sobre a saúde do homem.

Sugiro alguns questionamentos para iniciar um diagnóstico dos saberes da turma:

- a) Quais problemas de saúde afetam o homem?
- b) Você acha que o homem tem maior resistência à doenças?
- c) Você sabe o que é HIV e/ou AIDS?
- d) Você sabe como se pega o HIV? Como não pega? Como se trata? Como se previne?
- e) Você acha que existem pessoas mais suscetíveis a se infectar pelo HIV?



- f) Você sabe quando o HIV se tornou uma epidemia?
- g) Você acha que todos têm direito à saúde?
- h) Você acha que pessoas transgênero têm acesso a saúde? Vocês sabem o que são pessoas transgênero?
- i) O que seria saúde mental? Quais problemas podem afetar nossa saúde mental? Os homens podem sofrer desses problemas?

Momento 2: A partir da discussão prévia, o/a docente pode solicitar a confecção das cartilhas, podendo serem feitas em equipe para que o trabalho seja dividido. Nesse momento podem ser solicitados alguns temas obrigatórios, como o histórico da epidemia da AIDS; informações sobre a prevenção, o exame e os cuidados de problemas que apresentam um estigma no grupo de homens, como o câncer de próstata; o acesso de homens e mulheres trans à saúde no município; e a negligência com o cuidado da saúde mental e sua relação com a saúde física.

O/a docente pode selecionar mais temas que achar importante para uma discussão ampla sobre saúde masculina que associe os aspectos médicos de cuidados, prevenção e tratamentos com os aspectos sociais que influenciam na relação do homem com a saúde. É desejável também que as equipes incluam outras discussões que julgarem importantes.

Momento 3: O/A docente pode apresentar formas para a construção das cartilhas, podendo ser utilizados sites e aplicativos de edição de foto como o [Canva](#), o [Genially](#), ou mesmo programas como o Word e Power Point que podem ser transformadas ao fim para o formato PDF nos próprios sites ou programas.

Os estudantes podem escrever textos, inserir imagens, ilustrações, quadros, tabelas, charges, *memes*, podem brincar com todo o design da cartilha, com o tamanho e disposição dos elementos textuais e iconográficos, podem utilizar quantas páginas acharem necessário, dividir o uso dessas páginas da forma que quiserem mantendo a estrutura dos tópicos e subtópicos solicitados e dos escolhidos, e finalmente é importante que insiram um tópico final com todas as referências utilizadas para o conteúdo da cartilha.

Caso não seja viável desenvolver as cartilhas online, os estudantes podem produzi-las manualmente, contanto que contenham os tópicos obrigatórios solicitados pelo/a docente. Deixamos [aqui](#) uma sugestão de vídeo com um tutorial de como se construir uma cartilha online, por meio do seu celular e a partir da plataforma *Canva* citada anteriormente, mas que pode também ser construída da mesma forma pelo computador.



Momento 4: Após a confecção das cartilhas, as equipes podem apresentá-las na turma como forma de avaliação. Após as apresentações, as cartilhas devem então ser divulgadas. Aquelas criadas online e transformadas para o formato PDF podem ser veiculadas a partir dos grupos de *WhatsApp* ou *Telegram* da escola, a partir dos e-mails do responsáveis pelos alunos ou através das redes sociais e sites oficiais da escola, do/da docente e dos estudantes. Para aquelas cartilhas construídas de forma manual, podem ser digitalizadas e divulgadas da mesma forma. O importante da atividade é a discussão da saúde masculina de forma ampla e questionadora de estigmas quanto ao assunto.

Materiais:

- Computadores com acesso à internet ou a programas como Microsoft Word e/ou Microsoft Power Point;
- Papel em branco;
- Canetas e/ou Pinceis;
- Cola;
- Notícias sobre saúde masculina, impressas;
- O que mais quiser...

Para pensar: Os materiais são todos opcionais, o docente deve desta forma, adaptar a construção da cartilha com a realidade do seu meio. Fazer não somente os alunos e alunas, mas os seus pais, tios, avôs e vizinhos refletirem sobre o cuidado com a saúde masculina é de grande importância, visto que esses sujeitos são os que mais se expõem ao perigo e que mais negligenciam a sua própria saúde. Existe todo um discurso do homem como forte, insensível, que não demonstra fraqueza, que não tem medo de enfrentar situações de perigo físico, além de todos os discursos estigmatizantes e preconceituosos quanto ao cuidado com a próstata, com as infecções sexualmente transmissíveis, principalmente se falando do HIV/Aids, e ainda os discursos de ódio quanto a homens e mulheres trans e suas dificuldades de acesso à saúde. Tudo isso contribui para o afastamento dos homens do cuidado com seus corpos e sua mente. Os homens precisam urgentemente serem sensibilizados quanto à estes temas.



3.3 PORTFÓLIO



Ao buscarmos o significado do termo “Portfólio” encontramos no trabalho de Torres (2007, p. 42) que deriva do italiano *Portafoglio* e tem por significado “recipiente onde se guardam folhas soltas”, a autora diz ainda que o termo “começou a ser empregado em artes plásticas, em que o artista fazia uma seleção de trabalhos que exprimiam sua produção”.

Aplicando ao campo da Educação, o portfólio pode ser utilizado como método avaliativo, possibilitando ao professor e à professora realizar avaliação processual, ou seja, permite que os estudantes registrem, comparem e atualizem aquilo que vêm aprendendo nas aulas. Dessa forma, o portfólio se mostra não somente um produto da aprendizagem, mas um modo de autoavaliação, de estabelecimento de objetivos (MELO, *et al*, 2010).

Em sua pesquisa, Torres (2007) traz ainda uma definição de portfólio por Villas Boas:

[...]o portfólio é uma coleção de suas produções (do aluno), as quais apresentam as evidências de sua aprendizagem (do aluno). É organizado por ele próprio para que ele e o professor, em conjunto, possam acompanhar seu progresso. O portfólio é um procedimento de avaliação que permite aos alunos participar da formulação dos objetivos de sua aprendizagem e avaliar seu progresso. Eles são, portanto, participantes ativos da avaliação, selecionando as melhores amostras de seu trabalho para incluí-las no portfólio (VILLAS BOAS, 2004, p. 38, apud TORRES, 2007, p. 43).

O portfólio pode ser aplicado durante todo um ano letivo, todo semestre ou bimestre, toda uma unidade dos livros didáticos, durante todo um conteúdo, enfim, fica a critério do docente o período de aplicação de acordo com o que deseja que seus alunos desenvolvam como saberes. Aqui sugerimos uma forma de utilização dessa metodologia.



Pensamos que o mesmo pode ser utilizado durante todo o período em que o/a docente trate dos conteúdos referentes ao corpo humano e nesse sentido, é interessante que o/a próprio/a docente insira nas aulas discussões que ampliem a visão deste corpo para além do seu viés biológico, trazendo os aspectos sociais, econômicos, étnicos, raciais, de gênero, de classe e possibilite aos estudantes a criação de um portfólio sobre os saberes do corpo, que seja rico de informações sobre a biologia do mesmo, bem como de discussões sobre a produção desse corpo e das masculinidades que são por vezes naturalizadas e entendidas enquanto também biológicas.

Apresento alguns temas que podem ser utilizados para ampliar a discussão:

- a. Sistema muscular/Nutrição - Padrões estéticos e diferenciação de “saúde” e “estética”.
- b. Sistema Reprodutor/Educação Sexual - Pessoas Intersexo, Homens e Mulheres Transexuais, Não-Binariedade.
- c. Teorias, descobertas, contribuições de cientistas à Ciência – Mulheres cientistas invisibilizadas.
- d. Genética – Características e Estereótipos masculinos e femininos criados culturalmente (violento, forte, bagunceiro, sexual, delicada, fraca, organizada, contida, materna).

Título sugerido: Coleção de saberes sobre o corpo masculino.

Objetivo Geral: Desenvolver uma visão ampla e crítica sobre a produção do corpo masculino, a partir de um portfólio.

Objetivos Específicos: Acompanhar o processo de preenchimento do portfólio ao longo do ano; Solicitar uma folha para cada assunto discutido em sala; Avaliar a integração das dimensões socioculturais com os conteúdos biológicos do corpo.

Metodologia: Logo no início do ano letivo o/a docente deve apresentar o portfólio como método avaliativo para que os alunos fiquem cientes da atividade que irão desenvolver.

Momento 1: O/A professor irá logo no início do ano letivo apresentar o portfólio como método avaliativo e explicar o seu uso, objetivo e confecção para que dessa forma, os alunos fiquem cientes de como e para quê construí-lo.



O portfólio pode ser feito em vários formatos (ilustrados abaixo), no estilo “pasta catálogo” podem ser utilizadas pastas comuns para arquivos ou mesmo aquelas com divisórias, pode ainda ser feito em fichário e em modo digital, contanto que haja possibilidade de compartilhar com o/a professor/a para que estes acompanhem a produção.



Fonte: Autoria própria, (2023).

Momento 2: O portfólio deve ser preenchido com uma folha à cada novo conteúdo sobre o corpo discutido em sala, podendo conter: conceitos, resumos, imagens, desenhos, poemas, cordéis, músicas ou qualquer outro recurso que possibilite a síntese do que foi discutido em sala, de forma que seja visível não somente o conteúdo em si, mas o que foi levantado como debate durante a aula.

Momento 3: Com a finalização do ano letivo o/a docente pode organizar um dia de apresentações dos portfólios, no qual os alunos e as alunas podem escolher folhas dos assuntos ou dias que mais gostaram para falar sobre, visto que os portfólios provavelmente terão uma grande quantidade de folhas e seria inviável que cada um apresentasse o seu por completo. Porém, o/a professor/a deve avaliá-los inteiramente e promover uma exposição dos mesmos para a escola, podendo fazê-la a partir de uma culminância ou confraternização de finalização do ano.

O/A docente pode avaliar os portfólios a partir de questionamentos como:

- a) Houve criatividade na produção do portfólio?
- b) Houve diversidade na utilização de recursos para expressar os conteúdos discutidos em sala?
- c) O/A discente conseguiu integrar conceitos biológicos com problemáticas socioculturais do corpo?
- d) O/A discente expressou saberes sobre a produção sociocultural do corpo?



Dessa forma é esperado que o/a docente consiga desenvolver ao longo do ano discussões que remetam a essa produção do corpo que transborda as células, os órgãos, os sistemas, que vão além da compreensão do corpo orgânico e maquinário, e que se utilizam dos conceitos e saberes biológicos para justificar a produção de diferenças entre os gêneros e a inferiorização do corpo feminino além da naturalização de comportamentos tóxicos como parte da essência da masculinidade.

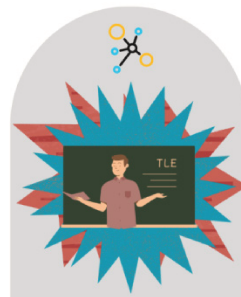
Materiais:

- Pasta Catálogo;
- Folhas de chamex ou Folhas em branco;
- Pincéis, Canetas, Marca-texto, e/ou Lápis de cor;
- O que mais quiser...

Para pensar: Na construção do portfólio durante o ano o/a docente pode inclusive, utilizar de outras propostas sugeridas aqui como a inserção de músicas, a discussão de filmes, a produção de mapas conceituais, etc. Essas são práticas que podem ser desenvolvidas ao longo do ano e ao final estarem relatadas no portfólio. Assim como qualquer outra proposta que aqui apresento, é necessário que para a aplicação do portfólio o/a docente busque fundamentação em materiais que pautem essa visão do corpo como fruto da construção social e do discurso. Na seção de sugestões deixamos vários materiais para auxiliar no preparo para os debates.



3.4 MAPA CONCEITUAL



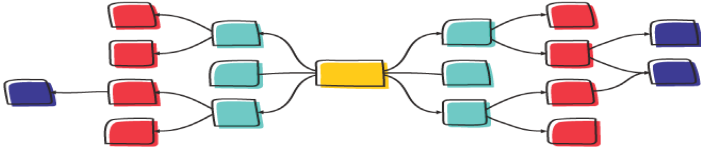
Podemos compreender os mapas conceituais como gráficos feitos a partir de diagramas que buscam relacionar conceitos de um determinado campo do saber, seja uma teoria, uma tese, uma disciplina, um conteúdo, podendo ser dispostos de modo hierárquico. Ao se utilizar conceitos-chave em um mapa conceitual, a metodologia se torna um meio para facilitar a aprendizagem significativa de quem a utiliza (ARAÚJO; FORMENTÓN, 2015).

Nas práticas escolares podemos pensar a utilização dessa metodologia da seguinte maneira:

Os mapas conceituais podem ser utilizados por estudantes para fazer anotações, resolver problemas, planejar um estudo, organizar relatórios, estudar para um exame e identificar e integrar tópicos de um tema. Para os professores os mapas conceituais podem contribuir para o ensino de um novo tópico da disciplina, para reforçar a compreensão a partir do momento em que se realizam conexões e uma hierarquia de conceitos por meio da estrutura de árvore e a verificação da aprendizagem, quando o professor solicita aos alunos que interliguem os conceitos ensinados e aprendidos em aula (SILVA, 2015, p. 786).

Dessa forma, a utilização dos mapas conceituais pode ser proveitoso para o planejamento do/da docente, para a estruturação e visualização do conteúdo pelo/a estudante, além de servir como recurso de revisão daquilo que foi discutido em sala ou estudado em casa. Os conceitos-chave podem nos auxiliar a sintetizar uma discussão, nos remetendo e nos levando a outros conceitos, que por sua vez nos levam a novos.





Fonte: lucidspark

Se utilizando desse caráter hierárquico do mapa conceitual, o/a docente pode propor alguns usos para a discussão do corpo masculino. Conseguimos enxergar em um debate sobre a produção do corpo masculino e das masculinidades, o uso do mapa para identificar a complexa hierarquia das desigualdades criadas socio-historicamente com base em argumentos “biológicos”, “naturais”, que tentam dizer quem é superior a quem.

Vemos a possibilidade do uso dos mapas para a diferenciação de conceitos acerca da diversidade de gênero e da sexualidade. Enxergamos ainda o uso do mapa para a compreensão das diversas dimensões que o nosso corpo apresenta. Apresentamos à seguir essas três ideias.

Título sugerido: Mapa-Corpo-Conceitual

Objetivo Geral: Criar mapas conceituais que permitam a aprendizagem significativa quanto à produção do corpo e das desigualdades pautadas na Biologia.

Objetivos Específicos: Debater sobre a naturalização de privilégios e discriminações; Diferenciar conceitos sobre a diversidade de gênero e da sexualidade; Ampliar a visão do corpo biológico para o corpo complexo.

Metodologia: Exemplificamos aqui as três ideias sugeridas para discussão, que podem ser adaptadas para outros temas também, dentro do debate sobre o corpo.

Momento 1: Sempre iniciando com questionamentos para conhecer os saberes que os estudantes já possuem, propomos que o/a



docente escreva no meio do quadro o nome Mapa Conceitual dentro de uma forma geométrica (quadrado, retângulo, círculo) e pergunte aos alunos: O que é um mapa conceitual? Para que serve? Onde podemos utilizá-lo? De que forma? Quais materiais são necessários para produzi-lo?

Utilizando as respostas dos próprios alunos, o/a professor/a irá puxar setas a partir do nome “Mapa Conceitual” no meio do quadro, colocando as respostas também dentro de formas para separá-las das demais e tornar o mapa mais compreensível, dessa forma o/a docente irá criar no quadro um mapa conceitual sobre a própria metodologia. Ao final teremos vários conceitos, ideias, interpretações, e os/as alunos/as já terão um exemplo de como produzirem os seus próprios.

Momento 2: Este momento pode ser trocado de posição com o momento 1, à depender do planejamento do/da docente. Nesse sentido, o/a professor/a poderá fazer a discussão prévia sobre o tema que os alunos deverão utilizar para fazer o mapa e poderá solicitar que os estudantes façam mais pesquisas para complementar a construção.

Deixamos abaixo as ideias de discussão para os mapas:

- a) Hierarquização de corpos a partir da Biologia. Discutir como o corpo e o sujeito masculino sempre foram enxergados enquanto superiores, mais fortes fisicamente e mentalmente, como mais aptos ao trabalho. Discutir sobre como os corpos não-brancos sempre foram enxergados como o diferente, como inferiores, como o indígena e o negro foram escravizados e considerados selvagens, que necessitavam ser civilizados adotando costumes das pessoas brancas. Discutir como mulheres sempre foram subjugadas, apagadas da história, violentadas e vistas por muito tempo como uma versão inferior do homem, que seus corpos foram enxergados como versões incompletas ou deformadas do corpo masculino, como têm seus corpos atrelados à maternidade, diferentemente do corpo masculino. Discutir sobre como corpos transgêneros (transexuais, travestis, não-binários) e corpos intersexuais foram e são enxergados por muitos como corpos doentes, anormais, abominações, corpos que precisam de tratamento físico e psicológico, de cirurgias corretivas. Todos esses discursos que são criados com base numa suposta natureza, mas que atuam pregando o ódio e a violência a quem não se encaixa em alguns padrões.
- a) Diferenciação de conceitos referentes a diversidade. Alguns conceitos ainda são difíceis de serem compreendidos por algumas pessoas e muita confusão é encontrada ao se definir



o que seria orientação sexual e identidade de gênero, o que é uma pessoa transgênero e uma pessoa cisgênero, a diferença de pessoas intersexuais para transexuais ou travestis. A ideia aqui não é decorar os termos e seus significados, mas dar visibilidade a essas categorias que buscam direitos básicos e que são apagadas da vivência escolar e dos seus materiais didáticos. Portanto, sugerimos a discussão de termos e categorias como: Gênero, Sexo, Sexualidade, Identidade de Gênero, Orientação Sexual, Cisgênero, Transgênero, Lésbica, Gay, Bissexual, Transexual, Travesti, Intersexual, Binariedade, Não-Binariedade.

- a) A compreensão do corpo complexo e de múltiplas dimensões. Aqui a discussão pode ser feita de modo a relacionar locais onde os nossos corpos se encontram e os discursos que são feitos dele, podemos pensar os discursos sobre o corpo na família, na escola, nos locais de religiosidade, na mídia, além de perceber as dimensões de saúde, estética, étnica, racial, de gênero, sexual, histórica, social, etc. O que se discute sobre o corpo masculino nesses ambientes e perspectivas? O que pensamos sobre esses discursos?

Momento 3: Após essas importantes discussões iniciais, o/a professor/a pode propor aos alunos então a construção do mapa conceitual. Os alunos poderão fazê-lo no caderno, em papel chamex, em cartolina ou mesmo de forma digital, contanto que sigam com o modelo estrutural do mapa, no qual um conceito ou tema central puxa novos conceitos e temas que por sua vez levam a outros conceitos e temas, permitindo a compreensão do que foi discutido em sala.

No caso da sugestão “A”, os alunos podem criar o mapa mostrando a hierarquização dos privilégios e/ou desigualdades, onde o/a professor/a discutirá como mulheres, pessoas transgênero, e pessoas negras e indígenas são as que mais sofrem violências diante da sociedade em que nos inserimos. Já na ideia proposta em “B”, os estudantes podem partir de “diversidade” e criar ramificações que tratem das identidades de gênero, exemplificando-as, orientações sexuais, exemplificando-as e assim sucessivamente. E por fim, em “C”, o Corpo pode ser o ponto de partida para que novos conceitos sejam inscritos.

Momento 4: Após a confecção e chegada a data de entrega da atividade (que também pode ser feita em sala de aula) os estudantes podem apresentar seus mapas, explicar como fizeram, porque



ressaltaram certos conceitos, etc. O/A docente pode então, avaliá-los a partir de critérios como: Os discentes conseguiram construir o mapa dentro da sua estrutura característica? Os conceitos ficaram compreensíveis? Houve uma coesão entre os temas das ramificações criadas? Os/as alunos/as expressaram uma compreensão sobre a produção das diferenças e desigualdades quanto ao corpo?

Materiais:

- Quadro;
- Pincel;
- Folha de chamex, folha em branco ou caderno;
- Caneta, Pincéis, e/ou Lápis;
- O que mais quiser...

Para Pensar: A metodologia de mapa conceitual pode ser um ótimo recurso quando tratamos de assuntos com muitos conceitos e definições, assuntos que às vezes parecem desconexos, e entendemos que na Biologia temos muitos exemplos de situações como essas. Uma estrutura pode ter dois ou mais nomes, conceitos, definições e muitas vezes, o nosso corpo tem sua anatomia e fisiologia tão enfatizadas e esmiuçadas (o que é importante de se estudar, obviamente), que se esquece que este não é uma máquina, mas sim faz parte de um todo que envolve aspectos sociais, econômicos, relações de poder, de privilégios e de submissões. Os mapas podem conectar essas dimensões, permitindo enxergar nosso corpo como um todo, mesmo que ainda limitado ao papel.



3.5 CINE-DEBATE



O cinema é considerado a sétima arte, e é um meio para contar histórias que nos faz refletir sobre inúmeros temas, sob diversas perspectivas mesmo que nos apresente uma mesma história, essa pode ser contada de formas totalmente diferentes, de acordo com a visão de quem faz o filme. Sem contar com a interpretação de cada telespectador, que irá enxergá-lo a partir de suas vivências e poderá dar sentidos que outra pessoa não deu.

Os filmes de ficção e documentários são conhecimento, fazem parte da nossa cultura, portanto, o acesso às produções audiovisuais precisa ser não somente discutido, mas facilitado. Os serviços de streaming como Netflix, GloboPlay, HBO Max e Prime Vídeo, são frutos de um movimento de combate à pirataria e de tornar mais prático o acesso à filmes, séries, novelas e documentários, mesmo que o poder aquisitivo de muitas pessoas ainda não permita o acesso à tais.

A quantidade de serviços como esses hoje em dia é imensa e as produções de conteúdos audiovisuais só crescem a cada ano. Nós crescemos com filmes e séries fazendo parte da nossa vida e alguns desses conseguem marcar a cultura de alguma forma. Titanic, Cidade de Deus, O Auto da Compadecida, Avatar, Vingadores, A Guerra dos Tronos, são só alguns dos muitos exemplos de produções que fazem parte da cultura pop mundial.

Neste sentido, inserir o cinema na escola como meio de aprendizagem é essencial e produtivo. Utilizar filmes, documentários e séries para fazer os estudantes refletirem, interpretarem, conhecerem um tema e depois propor o debate sobre o mesmo é uma atividade que pode gerar ótimos momentos, além de contribuir para que tenhamos alunos e alunas que se interessam por cultura, que valorizam o cinema, principalmente o nacional.

Só o fato de permitir aos alunos o acesso à essas produções já se configura como uma atividade político-educacional, para Duarte (2009) ainda entendemos o audiovisual somente como um



complemento de atividades que são verdadeiramente educativas. A autora destaca que defendemos o acesso integral ao conhecimento, mas que isso não se aplica à essas produções, e que o ingresso de cinema no Brasil é um dos mais caros no mundo todo.

Aqui podemos relembrar o tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2019 “Democratização do acesso ao cinema brasileiro”, que trouxe à tona essa discussão, logo, aqui apresentamos um Cine-Debate¹² baseado na proposta de Almeida e Sá-Silva (2021), no qual utilizaremos um documentário que é de acesso gratuito para o debate sobre masculinidades em sala de aula.

Título sugerido: Cine-Debate: o silêncio dos homens

Objetivo Geral: Promover uma sessão de cinema seguida de debate para discutir a produção da masculinidade.

Objetivos Específicos: Assistir ao documentário “O Silêncio dos Homens” em sala; Formar uma roda de debate para discutir pontos-chave do documentário; Incentivar o gosto pelo cinema.

Metodologia: O audiovisual que escolhemos utilizar para desenvolver essa proposta é o documentário brasileiro “O Silêncio dos Homens” dirigido por Ian Leite e Luiza de Castro que é fruto de uma ampla pesquisa que ouviu mais de 40 mil pessoas em todo o país sobre questões que dizem respeito às masculinidades e que rendeu ainda um Livro-Ferramenta com os dados levantados. O documentário aborda diversas dimensões da masculinidade e rende muita discussão. O material se encontra disponível de forma gratuita no canal [PapodeHomem](#) na plataforma *YouTube*. A seguir sugerimos como o/a docente pode trabalhá-lo.

Momento 1: Ao trabalhar em sala os conteúdos sobre o corpo humano, sobre reprodução ou mesmo sobre gênero, caso o planejamento e/ou os materiais didáticos utilizados pelo/a docente proponham essa discussão, o/a professor/a pode questionar os alunos acerca da masculinidade perguntando-os: O que é masculinidade? Existe só uma masculinidade? Quais as características de um homem? Quais as responsabilidades de um homem? Quem são os homens que vocês admiram na sua família e fora dela, e porquê?

Dessa forma, o/a docente pode levantar informações sobre os saberes e as posições de seus alunos e alunas antes de assistirem ao documentário, o que pode servir no momento da roda de conversa como meio comparativo, não para fins avaliativos, mas para o

¹² Proposta de debate pós projeção de filmes inspirada no livro de Sá-Silva e Almeida (2022), [disponível aqui](#).



enriquecimento da discussão. É importante que o/a docente assista o documentário antes de exibi-lo para os/as alunos/as, a fim de planejar as questões do debate posterior.

Momento 2: A exibição do documentário em sala de aula. O/A docente pode optar por exibir para uma turma apenas, para que o controle da atenção e a discussão seja mais organizada, porém, pode exibi-lo para mais de uma turma também, fica à critério. Será necessária a utilização de um computador com internet conectado à um projetor. Caso não haja a possibilidade do uso da internet, o docente pode fazer o download do vídeo na própria plataforma e exibi-lo na escola. É importante presar pelo silêncio e atenção no decorrer da exibição. O/A docente pode ainda em parceria com os próprios alunos levar pipoca, suco ou o que desejarem para acompanharem o filme/documentário/série.

Momento 3: Roda de debate. O documentário por si só irá gerar nos estudantes muitas opiniões, reflexões e dúvidas, deste modo, o debate após a exibição é essencial para que a experiência cresça.

O/A docente pode formar uma roda na sala e iniciar a partir de novos questionamentos, como os sugeridos a seguir:

- a) Vocês gostaram do documentário? Por quê?
- b) Vocês se identificaram com alguma situação? Qual? Por quê?
- c) Vocês acreditam que está havendo uma mudança no comportamento masculino? Como você enxerga isso?
- d) Vocês acham que há a necessidade de mudança no comportamento masculino? Por quê?
- e) Você tem alguma figura masculina na família? Como ele é?
- f) Vocês têm abertura para conversar sobre sexualidade, problemas, dificuldades e dúvidas com os seus pais? Isso já aconteceu? Como foi?
- g) Quais são as diferenças que vocês enxergam na vida cotidiana entre um homem e uma mulher?
- h) Quais são as diferenças que vocês enxergam na vida cotidiana entre um homem branco e um homem negro?
- i) Você acredita que a homossexualidade é uma característica do homem?



- j) O que você pensa sobre afirmações do tipo “Gay não é homem”, “Você é lésbica porque não encontrou o homem certo”?
- k) Você sabe o que é um homem trans? Como você enxerga a construção da masculinidade para esse grupo de homens?
- l) Existe alguma coisa que você pensava de uma forma e mudou com a exibição do documentário?
- m) Você participaria de um grupo para homens como os mostrados no documentário?

Como discutido no próprio documentário, o gênero é muitas vezes atrelado somente às questões femininas e relativas à comunidade LGBTI+, nesse sentido é importante que os homens sejam também inclusos nessa discussão, pois a construção das masculinidades está diretamente ligada aos sofrimentos e violências causadas não somente às mulheres, mas aos próprios homens que crescem com atitudes rígidas, duras e que não os permitem se abrir emocionalmente.

Materiais:

- Computador/Notebook;
- Datashow;
- Caixinha de som;
- Pipoca, Suco, etc.;
- O que mais quiser...

Para pensar: Ao desenvolvermos esse tipo de atividade no espaço escolar, com crianças e adolescentes, compreendemos que estes são os cidadãos que irão compor a sociedade nas próximas gerações, serão os pais, empresários, professores, políticos, etc., então à medida que avançamos nas discussões sobre as relações de gênero é importante fazê-las já na escola para que esses homens sejam mais conscientes, críticos com relação às suas atitudes e de seus amigos e que assim, possamos criar um espaço mais acolhedor, de aprendizado. Penso que essa atividade pode, inclusive, ser realizada com a presença dos pais, as questões apresentadas no documentário dizem respeito à relação em família e inseri-los na discussão poderia enriquecer ainda mais o debate.



3.6 CURTAS E TEATRO



O acesso, a promoção e o incentivo à cultura são primordiais em qualquer sociedade, principalmente em uma tão grande e diversa como a brasileira, recursos como o cinema e o teatro são meios para contar histórias, conhecer realidades, compreender modos de vida e refletir sobre questões que parecem distante de nós, ou mesmo aquelas que estão próximas.

O teatro é uma forma de arte milenar, e para Chaves et al (2022) levar essa arte para a escola é além de expor o/a estudante a uma forma histórica de arte, permitir com que ele/a desenvolva suas potencialidades dramáticas, sua expressão corporal, sua fala, escrita, criatividade.

Já Freitas e Gonçalves (2018) acreditam que a partir do teatro podemos observar e discutir contradições na sociedade, podemos repensar práticas e determinações, logo, o teatro contribui para um ensino de Ciências que faz o aluno se fascinar e desenvolver um espírito crítico.

Nessa proposta pedagógica fazemos uma junção de métodos que podem ser utilizados para se discutir questões diversas relacionadas ao homem, à masculinidade, à relação com os colegas de classe ou mesmo com a família. Trazemos uma inspiração do livro “Questões sociais desafiadoras na escola: Guia prático para professores” de Denise L. McLurkin.

Esta obra apresenta em cada capítulo uma questão que gera controvérsias ou dificuldade na escola como drogas, crianças com deficiência, racismo, orientação sexual e muitas outras. Para cada tema como esses, a autora apresenta algumas pequenas histórias sem final, para que o leitor possa refletir sobre como agiria, o que poderia fazer naquela situação, de que forma poderia lidar com aquela problemática. Inspirado nessa ideia, propomos aqui uma dinâmica semelhante, mas trazendo os discentes para a discussão e utilizando de recursos como curtas-metragens e teatro.



Título sugerido: E agora?

Objetivo Geral: Criar um final para a história que foi atribuída à equipe, de modo a problematizar as relações de gênero e sexualidade.

Objetivos Específicos: Escrever um roteiro que finalize a história que lhe foi atribuída; Gravar um curta mostrando o final escrito pela equipe; Encenar uma peça de teatro mostrando o final escrito pela equipe; Desenvolver habilidades de escrita, atuação e fala; Refletir sobre discursos preconceituosos e situações reais que pessoas fora da norma de gênero passam.

Metodologia: Fizemos a junção dos curtas-metragens com o teatro para que o/a professor/a possa optar trabalhar com as duas formas em equipes diferentes, que pode ser assim feito em decorrência dos recursos disponíveis pelos alunos ou pela escola ou para que o/a professor/a opte por uma das formas de encerramento da história, de acordo com as possibilidades. Essa atividade pode ser aplicada em diversos momentos durante o ano letivo da disciplina de Ciências ou Biologia, aqui iremos apresentar duas histórias que podem ser abordadas quando o/a docente estiver discutindo IST ou gênero e sexualidade.

Momento 1: Ao abordar algum dos temas citados acima, o/a docente pode propor a atividade, apresentando a ideia, dividindo as equipes e determinando se irão fazer um curta-metragem ou uma peça de teatro, definindo também o tempo que deve ser usado para cada equipe. Logo após, o/a docente pode apresentar as histórias e direcionar uma a cada equipe.

O/A docente pode ainda criar novas situações de acordo com o que observa de problemáticas no espaço escolar.

- a) História 1 - Lucas era um menino cheio de amigos, muito comunicativo e se dava bem com a maioria das pessoas, mas seus dois melhores amigos eram Pedro e Mauro, que também eram conhecidos na escola por serem falantes, mas com um adendo: causavam alguns problemas. Pedro vivia dormindo nas aulas, pois em casa cuidava de seu irmão mais novo para sua mãe trabalhar, já Mauro sempre que possível fazia piadas com Fernando e Luísa, gay e lésbica respectivamente, e esse era o principal tema das piadas, a orientação sexual dos dois, mesmo que nem Fernando ou Luísa deixassem barato, os dois conseguiam se impor quando o garoto era mais violento. Lucas



por sua vez, vivia para agradar o pai que era muito rígido e tinha problemas com bebida, mas mesmo assim não perdia a oportunidade de oferecer bebidas ao filho e incentivá-lo a “pegar mulheres”. A relação dos três melhores amigos sempre foi boa, no entanto, nenhum deles se aprofundava muito nos problemas internos um do outro, falavam sobre meninas que gostavam, que queriam “pegar” ou que “já pegaram”, falavam de futebol, de filmes, etc., mas cada um tinha seus problemas internos, problemas familiares, e não se abriam para conversar com o outro, sabe como é, né? Homem não liga para essas coisas, sentimento é coisa de mulher. Porém, a relação deles entrou num impasse quando Lucas, depois de uma semana muito estranho e calado, não aguentou e se abriu aos prantos com seus amigos: Sabe quando eu fiquei com aquela menina sem camisinha porque não tinha levado? Ela sempre foi alguém que eu quis muito ficar, mas uns dias atrás ela me ligou me dizendo ter descoberto que estava com HIV e que eu precisava me testar, eu procurei um posto escondido, fiz o exame e deu positivo, a única coisa que sei sobre isso é que meu pai falou uma vez que é doença de viado. E agora?

- b) História 2 - Sérgio é um adolescente trans que frequenta a mesma escola desde o 1º ano do ensino fundamental. Sempre foi calado, tímido, e tinha uma melhor amiga chamada Heloísa com quem dividia todas as suas alegrias e angústias. Sérgio tinha poucos amigos além de Heloísa e havia um grupo que sempre o hostilizou por vestir roupas masculinas fora da escola, o chamavam de lésbica, sapatão. Isso acontecia antes de Sérgio iniciar o processo de transição hormonal, apoiado inclusive por seu pai e mãe. Com o processo em curso, Sérgio passou a sofrer mais retaliações e infelizmente passaram a acontecer não somente pelo grupo de alunos, mas percebeu também olhares dos próprios professores, gestora e funcionários da escola, menos de uma professora chamada Lívia, que sempre conversava com ele e fez questão de alterar o seu nome na chamada. Porém, as denúncias das violências que sofria naquele espaço não pareciam surtir muito efeito quando chegavam à diretoria. Sérgio não observava nenhuma ação de combate à transfobia que sofria e nenhuma medida



protetora que o tranquilizasse, só conseguia pensar que aquele não era seu lugar. Quando chegava em casa imaginava como seria o dia seguinte, se mais uma vez teria que receber olhares e xingamentos. Uma coisa que sempre acontecia, era ele chegar em casa e correr para o banheiro, pois acabava prendendo o xixi o dia inteiro só para não ter que frequentar o banheiro feminino, já que o masculino não era permitido à ele pela diretora. Certo dia, muito apertado, Sérgio decidiu que iria utilizar o banheiro masculino e ao fazê-lo encontrou dois meninos que foram pra cima dele gritando “Você não é homem! Sai daqui, esse não é seu banheiro”, em seguida deram dois socos nele, neste momento, a professora Lívia ouviu os gritos de socorro e já soube do que se tratava, então correu e chamou a diretora que ao observar a situação ligou para o pai e mãe de Sérgio. Na sua sala, já na presença dos pais do adolescente e mesmo com a relutância de Lívia, anunciou: Não podemos manter esse problema, outros pais estão reclamando, as meninas se sentem ameaçadas e os meninos são violentos, vamos ter que expulsá-la. E agora?

Ao dividir e ler as histórias com as equipes, o/a docente pode abrir espaço para que tirem dúvidas sobre a atividade e sobre as histórias em si, sobre termos e expressões que talvez não conheçam, salientando que podem e devem pesquisar sobre para que o resultado seja mais rico.

Momento 2: As equipes irão ter um prazo para completar o roteiro da história e apresentá-la, seja na forma de peça teatral ou de um curta-metragem gravado e editado. Poderão ensaiar a peça ou gravar o curta na própria escola. E vale lembrar que a equipe irá escrever apenas o final da história, porém, ela precisa ser representada na peça ou no curta por completo.

Momento 3: A apresentação do produto final poderá ser feita em sala, no dia determinado pelo/a docente. Após as apresentações deve haver um momento de debate que o/a docente pode conduzir a partir de questionamentos como: Como foi o processo de escrita? Por que escolheram esse final? O que acharam das histórias contadas? Vocês acreditam que situações assim acontecem? Por que você acha que o pai de Lucas disse que HIV é coisa de “viado”? O que você acha que impedia que, mesmo sendo melhores amigos, os três meninos não entrassem nos assuntos mais íntimos entre eles? Qual a importância



que vocês enxergam em ter o nome social garantido na escola e em outros espaços para pessoas trans? O que vocês aprenderam sobre o processo de transição hormonal? Quais os momentos que demonstram aspectos construtores da masculinidade ou da feminilidade? Quais as relações que vocês enxergam da história contada com o que estudamos sobre IST, corpo humano e/ou gênero e sexualidade?

Materiais:

- Câmera filmadora ou Celular com câmera;
- Editor de vídeos (capcut, tiktok, etc);
- Papel para escrita do roteiro final;
- Cenário para a peça teatral (o que for possível e disponível);
- O que mais quiser...

Para Pensar: É importante que os finais criados sejam pautados na ética e no respeito, que os alunos possam pensar, não necessariamente finais felizes, mas que passem uma mensagem de humanização das pessoas inseridas na história e dos temas principais. É importante refletir sobre o estigma do HIV/Aids que é acompanhado de um discurso de ódio e preconceito à comunidade LGBTI+, em especial aos homens gays e mulheres trans e travestis. É preciso refletir sobre o processo de transição hormonal, os direitos e a visibilidade necessária às pessoas transgênero e as violências que sofrem (não só fisicamente) durante sua vida.



3.7 MÚSICA E PARÓDIA



A música faz parte da vida de todos nós, ela está nas nossas casas, nas ruas, nas lojas, nas igrejas e também nas escolas. Independente do estilo ou de quem a interpreta, a música se faz presente em todos os dias de nossas vidas de alguma forma, elas podem transmitir felicidade, tristeza, melancolia, saudade, euforia, podem promover a autoestima, a segurança ou insegurança, e como todo discurso, a música nos ensina algo, seja o que for.

Esse recurso, como proposta pedagógica na escola foi muito utilizado por culturas antigas, inclusive os jesuítas quando implementaram o catolicismo no Brasil, porém, a onda tecnicista que tomou de conta da Educação a partir dos anos 1970 fez com que a formação mais ampla e integral dos alunos ficasse de lado, em razão de uma formação objetiva e técnica que o preparasse para o mercado de trabalho. Outros saberes e práticas como o próprio ensino de música foram ficando à margem da escola. Hoje contamos com leis que fundamentam o ensino de música na escola, porém, na prática muitas vezes isso acaba ficando restrito à disciplina de Artes (TORRES, 2017).

As paródias musicais, no entanto, são mais populares entre algumas outras áreas e acabam sendo utilizadas como metodologia para a discussão de um ou mais temas. Com o acesso à internet facilitado nas duas últimas décadas, as paródias foram a razão de muitos vídeos terem feito sucesso em plataformas como o *YouTube*, além de que hoje em dia é bem mais fácil ouvir qualquer música ou mesmo resgatar as mais antigas.

Aplicativos como o *TikTok* são hoje meios poderosos de divulgação e podem rapidamente tornar uma música ou artista até então desconhecido, em um sucesso nacional ou mundial. Esse combo torna a música um meio poderoso para passar mensagens, para discutir assuntos, para se conhecer pessoas e culturas diferentes, por isso a enxergamos enquanto um potente recurso na sala de aula.



As propostas que apresentamos nesta seção se referem às músicas que podem ser utilizadas para repensar atitudes e conceitos naturalizados como essência ou parte de uma masculinidade e/ou feminilidade, além de músicas que apresentam teor preconceituoso e/ou sexista e que podem ser parodiadas, de modo a problematizar tais aspectos.

Título sugerido: O gênero musical

Objetivo Geral: Discutir naturalizações de atitudes e comportamentos de um gênero, a partir de músicas.

Objetivos Específicos: Interpretar letras de músicas, identificando construções do gênero; Relacionar trechos das músicas com discursos do dia a dia sobre o corpo masculino e feminino; Criar paródias que problematizem discursos preconceituosos; Trazer a linguagem musical para a sala de aula.

Metodologia: Aqui apresentaremos algumas músicas e trechos que podem ser utilizados, mas o/a docente pode ficar à vontade para escolher outras ou adicioná-las a esta lista. Vamos às etapas:

Momento 1: Quando o/a docente compreender que é o momento e/ou o conteúdo propício para tal discussão, pode apresentar aos/às alunos/as à ideia e dialogar sobre quais músicas conhecem que trazem discursos sobre o homem, seu corpo e a masculinidade e/ou a mulher seu corpo e a feminilidade. A partir dessa conversa, o/a docente pode inclusive, incluir algumas das músicas citadas pelos próprios alunos na discussão.

Momento 2: O/A docente poderá dividir a turma em equipes, nas quais cada uma ficará com a letra de uma música, e então colocar cada música para tocar em uma caixinha de som ou no próprio celular, de modo que todos na turma consigam compreender a letra. É importante que sejam disponibilizadas folhas com as letras de cada equipe para os alunos e no caso das músicas em inglês, que seja disponibilizada uma folha com a letra original junto da tradução.

A seguir deixamos as músicas que utilizamos:



CANÇÃO	INTÉRPRETES	COMpositoras(ES)	LINKS PARA ACESSO
If I Were A Boy	Beyoncé	BC Jean e Toby Gad	Música Letra e Tradução
Boys Will Be Boys	Dua Lipa	Jason Evigan, Justin Tranter, Dua Lipa e Kennedy	Música Letra e Tradução
Um Homem Também Chora	Gonzaguinha	Gonzaguinha	Música Letra
Super-Homem - A Canção	Gilberto Gil	Gilberto Gil	Música Letra
Triste Louca ou Má	Francisco, el Hombre, Helena Maria, Labaq, Renata Éssis e Salma Jô	Andrei Martinez Kozyreff, Juliana Strassacapa, Mateo Piracés-Ugarte, Rafael Gomes e Sebastián Piracés-Ugarte	Música Letra

Fonte: Autoria própria, (2023).

Momento 3: Após toda a turma ouvir todas as músicas, os membros de cada equipe irão discutir entre si sobre quais os discursos de gênero eles enxergaram na canção que lhe foi atribuída e como eles interpretam, podendo esse momento durar de 5 a 10 minutos.

Momento 4: Após essa discussão interna nos grupos, o/a docente pode então pedir para que os alunos formem um círculo para que cada equipe exponha o que discutiram em grupo. O/A docente pode também ampliar a discussão a partir de questionamentos como:

- O que a cantora Beyoncé quis dizer no trecho “*Se eu fosse um garoto, mesmo que só por um dia, eu levantaria da cama de manhã, vestiria o que eu quisesse e sairia, beber cerveja com os caras e paquerar as garotas, eu me divertiria com quem eu quisesse e eu nunca seria confrontada por isso, porque eles ficariam do meu lado*”? O que vocês pensam sobre essas afirmações?
- O que você acha que Dua Lipa quis dizer com “*Garotos serão garotos, mas garotas serão mulheres*”? Você concorda com essa afirmação?



- c) Quando Gonzaguinha canta “*Um homem se humilha, se castram seu sonho, seu sonho é sua vida e vida é trabalho, sem o seu trabalho o homem não tem honra e sem a sua honra, se morre, se mata. Não dá pra ser feliz*” ele fala da relação homem-trabalho-honra. Por que vocês acham que ele aborda esse tema? Como a música nos fala da construção do homem?
- d) Gil fala sobre uma porção feminina que todos temos em nós, no seguinte trecho de sua música “*Um dia, vivi a ilusão de que ser homem bastaria, que o mundo masculino tudo me daria do que eu quisesse ter. Que nada, minha porção mulher que até então se resguardara é a porção melhor que trago em mim agora, é a que me faz viver*”. Todos nós carregamos porções masculinas e femininas em nossos corpos? O que seriam essas porções? Porque são consideradas masculinas e/ou femininas? Porque Gil fala que se iludiu de que tudo teria por ser homem?
- e) Durante toda a letra de “Triste, Louca ou Má” observamos afirmações de uma mulher que não se conforma com o que à ela foi designado socialmente como papel feminino. Quais trechos vocês acreditam que expressam esse sentimento?

Momento 5: Após o momento de debate, o/a docente pode dar continuidade à dinâmica solicitando que cada equipe faça uma pesquisa sobre músicas que abordem o corpo e carregam discursos preconceituosos, realizando uma paródia musicada canção, porém mudando a letra de modo à ressaltar a violência de tais discursos e promovendo a diversidade de corpos e vivências, valorizando-as. Essa paródia pode ser apresentada em um momento posterior, visto que a pesquisa e construção da paródia levarão tempo.

Momento 6: A apresentação das paródias podem ser feitas na própria sala ou as equipes podem gravá-la em vídeo para posteriormente serem publicadas no *YouTube*, caso haja a permissão de todos os responsáveis pelos integrantes das equipes. Dessa forma, é desejado que os discentes possam construir uma visão mais crítica sobre as relações de gênero e sua relação com o seu próprio corpo e os dos demais.



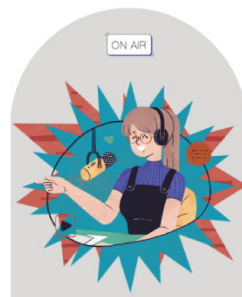
Materiais:

- Caixa de som;
- Folhas com as letras e traduções;
- Celular ou Computador;
- Datashow.

Para Pensar: Precisamos sempre deixar nítido aos nossos alunos e alunas que por mais que alguns discursos pareçam distantes dos conteúdos estudados nas aulas de Ciências e de Biologia, eles constroem as práticas dos nossos corpos, ou seja, aquilo que é falado sobre o nosso corpo, inclusive nas músicas, constroem o que compreendemos como verdade dos corpos, esses discursos de músicas e muitos outros veículos, por sua vez, sofrem também influência dos discursos médicos, biológicos, fisiológicos, psicológicos, psiquiátricos, que falam do corpo, que o definem e constroem, portanto, atividades assim visam justamente a problematização desses discursos que são naturalizados e que nos rodeiam diariamente, e de forma sutil nos dizem como sermos homens ou mulheres. Na música de Gonzaguinha é possível discutir sobre a vulnerabilidade masculina que é reprimida por discursos rígidos que influenciam diretamente no nosso corpo, na forma como nos portamos e nas relações que mantemos, além de falar da relação do homem como o mais apto ao trabalho e responsável pelo sustento, a carga que pesa sobre esses indivíduos que não podem demonstrar fraqueza. Nos trechos de Triste Louca ou má *“Eu não me vejo na palavra fêmea, alvo de caça, conformada vítima”* e *“Minha carne não me define, eu sou meu próprio lar”* a canção faz alusão aos termos *fêmea* e *carne*, que estão presentes nos discursos biológicos e que nos trazem para uma visão bem mais animalesca, orgânica de quem somos, os papéis que são “naturais” de cada um de nós enquanto machos e fêmeas, mas a própria letra se volta sobre essa suposta naturalidade denunciando seu caráter construído. As canções apresentadas e muitas outras podem ser fonte de debate sobre essas produções de diferença entre os corpos, que é também pautada na biologia e que precisa ser problematizada e repensada desde a escola.



3.8 PODCAST E VIDEOCAST



Ainda no campo das mídias na sala de aula, propomos também a utilização do *podcast* e/ou *videocast* como ferramenta para a promoção do debate. O *podcast* é uma espécie de programa gravado em áudio, mas que pode também ter sua gravação em vídeo, sendo então chamado *videocast*, no qual um/a ou mais apresentadores/as conversam, dissertam, discutem, analisam, informam, interagem, brincam, sobre algum tópico.

Essa mídia tem ganhado notoriedade e se multiplicado nos últimos dois anos, principalmente aqueles estruturados como um programa de entrevistas. Os temas que podem ser tratados em um *podcast* vão desde notícias sobre a política nacional (em episódios diários) até cultura pop (com episódios semanais ou quinzenais).

O fato da maioria dos *podcasts* serem disponibilizados de forma gratuita, seja em plataformas de *streaming* como o *Spotify*, *Deezer*, *Soundcloud* ou plataformas de vídeo como o *YouTube*, contribuiu para o crescimento do consumo dessa mídia. Algumas plataformas de áudio como o *Spotify* disponibilizam até uma versão mais leve do aplicativo, para celulares que não possuem uma performance tão ágil ou que apresentem pouco espaço para armazenamento. Os episódios disponibilizados podem inclusive, ser baixados para serem escutados em qualquer momento, até mesmo para quando não houver acesso à internet.

Como ferramenta educacional, o *podcast* e/ou *videocast* são interessantes, pois colocam o estudante como sujeito na construção do seu aprendizado, contribuindo para a aprendizagem significativa. Pedro Demo (2016, *apud* REHFELDT; SILVA, 2019) ao falar sobre o uso das mídias no processo de aprendizagem fala da importância de, ao invés de expormos os nossos estudantes à conteúdos prontos, feitos por terceiros, incentivarmos, possibilitarmos, fazermos com que os próprios estudantes coloquem a mão na massa.



No caso de vídeos, e nessa proposta de áudios, é mais interessante que o/a aluno/a produza o próprio conteúdo, o/a docente deve, desta maneira, prezar pela autoria discente. Nesse sentido, o *podcast* vem com o intuito de dar protagonismo e voz aos estudantes, como destacou Freire (2013 *apud* REHFELDT; SILVA, 2019).

Além de interagirem com uma forma diferente da tradicional de ensino e aprendizado, ao utilizar o *podcast* os estudantes trabalharão suas habilidades com a oralidade, a escrita, o trabalho em equipe, a construção de uma criticidade sobre determinado assunto e a criatividade ao dar vida ao seu produto. Propomos aqui, o uso dessa ferramenta para a discussão de tópicos relacionados ao corpo masculino, que pode ser adaptado pelo professor ou professora, de acordo com suas possibilidades.

Título sugerido: Podcast Pensando Masculinidades

Objetivo geral: Criar um podcast para discutir aspectos relacionados à construção da masculinidade.

Objetivos Específicos: Posicionar os estudantes como protagonistas do processo de aprendizagem; Utilizar a linguagem do *podcast* e *videocast* em sala de aula; Promover o desenvolvimento de habilidades como a oralidade, a criatividade e a criticidade.

Metodologia - Momento 1: Por ser uma mídia crescente é provável que muitos estudantes já a conheçam e a consumam, logo, é importante que o/a docente faça um levantamento a partir de um diálogo inicial acerca do que eles sabem sobre podcast e videocast, se acompanham algum, se gostam ou não, se sabem como funciona.

Momento 2: O/A docente irá apresentar a ideia da proposta explicando como os estudantes podem gravar os seus podcasts. A gravação pode ser feita a partir da plataforma [Anchor](#), que apresenta diversos recursos como inserir transições, músicas, editar áudios gravados, inserir arquivos pré-gravados e muitos outros. Deixamos [aqui](#) um tutorial em vídeo sobre como realizar essa gravação por esse aplicativo.

Os alunos podem ainda gravar em seus próprios celulares no aplicativo “Gravador”, ou ainda, à depender das possibilidades, o/a próprio/a docente pode gravar em seu celular os episódios e auxiliar os discentes na edição. A depender da metodologia do/da professor/a, os episódios podem também serem gravados em vídeo, contanto que o áudio seja limpo e claro, e dessa forma ao final teremos *videocasts*.



Nessa etapa, o/a docente irá demonstrar como os estudantes farão para gravar e tirar dúvidas.

Momento 3: Após a retirada de dúvidas, o/a docente irá agora formar as equipes, distribuir os temas e dar as coordenadas de como podem criar o roteiro do episódio. O tempo de cada episódio pode variar, mas é importante que o docente defina um limite mínimo e máximo. O nome do *podcast* pode ser pensado em sala junto dos estudantes, assim como a identidade visual (logo, fonte, cores) que pode ser produzida por alguns deles que se disponibilizarem.

A seguir sugerimos uma ordem de temas a serem trabalhados pelas equipes:

- a) **Menino veste azul e Menina veste rosa?** - Debater estereótipos criados de cores, brinquedos, brincadeiras, locais, roupas, profissões, atitudes, gostos, etc.
- b) **Existe desigualdade entre homens e mulheres?** - Pode ser discutida essa desigualdade desde a infância até a vida adulta no ambiente de trabalho, com dados sobre diferença salarial, por exemplo, assédio às mulheres no ambiente de trabalho, machismo, etc.
- c) **Os homens são todos iguais?** - Discussão sobre como o privilégio masculino beneficia mais o grupo de homens cis brancos e héteros, em relação aos homens negros, indígenas, gays, bissexuais, trans, a partir do debate sobre o racismo, a homofobia, transfobia, etc.
- d) **O homem é vulnerável?** - Após discutir sobre como a nossa sociedade patriarcal e machista afeta diversos grupos, é hora de discutir como afetam também a criação dos próprios homens. Debater sobre discursos como “homem não chora”, discursos que pregam a força física e mental imbatível do homem, que os cobram e os empurram para situações de violência, e por consequência, criam homens que não falam e nem demonstram sentimentos, o que leva às repressões internas e exteriorização desse sentimento de forma maléfica, muitas vezes.
- e) **Homem se cuida?** - Diferenciação de estética e saúde, discursos sobre o padrão masculino de corpo, sobre o fato de homens não procurarem o hospital com tanta frequência, discutir sobre corpos masculinos que escapam do padrão como corpos gordos, afeminados, magros etc.



f) O que podemos fazer para mudar? - Esse pode ser um episódio de encerramento no qual os discentes podem refletir sobre quais atitudes os homens podem tomar para contribuir não somente com a diminuição da violência contra aqueles que não estão dentro da norma, mas com a mudança de pensamento dos homens, para que estes consigam desenvolver uma visão crítica sobre as relações de gênero, sobre os privilégios que possuem, mas ao mesmo tempo aprendam a externar mais o que sentem e não continuem reprimindo suas vulnerabilidades.

Após apresentar e dividir os temas, o/a docente deve direcionar alguns pontos que precisam estar no roteiro do episódio:

- a) Apresentação do *podcast* e dos/das participantes;
- b) Apresentação do tema do dia;
- c) Desenvolvimento da discussão a partir de dados e notícias;
- d) Exposição de opiniões e críticas sobre o assunto por parte de cada participante;
- e) Encerramento com uma conclusão e um questionamento para os ouvintes pensarem sobre o tema.

Momento 4: À depender da quantidade de episódios, do tempo de cada um e do formato escolhido, o/a docente irá definir como acontecerá a apresentação dos produtos finais. Caso seja possível, o/a docente pode tirar um dia para que a turma toda ouça ou assista os *podcasts* ou *videocasts* em sala. O/A docente pode ainda solicitar que os alunos ouçam ou assistam os produtos em casa e em uma data determinada discutam sobre o processo e resultado em sala.

A depender também da autorização dos responsáveis e do formato escolhido, o/a docente pode disponibilizar os episódios do *podcast* em uma plataforma de streaming para que todos tenham acesso ao *link*, ou pode colocar os *videocasts* em um canal em uma plataforma de vídeo, como o *YouTube*, para que todos possam assistir.

Com cada equipe criando um episódio, teremos uma temporada de *podcast* discutindo sobre o corpo masculino e a produção das diferenças e desigualdades na Ciência e fora dela. Este mesmo *podcast*



ou *videocast* pode ser atualizado com próximas turmas, criando assim novas temporadas, sobre o mesmo tema ou ainda outros tantos que podem ser trabalhados.

Momento 5: É importante um último encontro para que a turma debata sobre a experiência de trabalhar com esse recurso, não somente para ampliar o debate feito nos episódios, mas para que o/a docente tenha um retorno sobre pontos positivos e negativos dessa metodologia, para que possa sempre aprimorar suas práticas, além de servir como momento para compreender se houve de fato um desenvolvimento crítico sobre as relações de gênero por parte dos alunos.

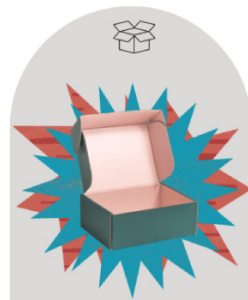
Materiais:

- Computador com microfone;
- Celular com gravador e/ou com câmera filmadora.

Para pensar: Como falado anteriormente, um formato que vem ganhando espaço no meio de *podcasts* é o de entrevista, por esta razão, se possível, seria interessante trazer alguém para ser entrevistado em alguns dos episódios, podendo este alguém ser algum pai ou mãe, ou algum responsável por um/a dos/as alunos, alguém da própria escola, professores/as, gestores/as, funcionários/as ou mesmo alguém que desenvolva algum projeto sobre os temas trabalhados.



3.9 CAIXA DOS HOMENS



Ao desenvolver um projeto com adolescentes de escolas públicas na década de 1980, o educador Paul Kivel, criou o conceito chamado “Caixa do Agir como Homem”, esse conceito foi depois aprimorado pelo ativista Tony Porter, que trabalhava fazendo rodas de conversa com presidiários e que em 2010 o transformou em “Caixa dos Homens” como forma de simplificar a linguagem para o público com quem trabalhava e que vinham de regiões vulneráveis.

Esse conceito basicamente se refere a um conjunto de regras e comportamentos que todo homem deve seguir para ser aceito pelos outros. Alguns desses conceitos são: ser dominante e agressivo sempre que possível; evitar expressar emoções; julgar qualquer traço de masculinidade não heterossexual como inferior; etc., e portanto, quando não nos localizamos dentro desses limites da caixa somos taxados de entre outras coisas: bicha, frouxo, mulherzinha, etc., (VALADARES, 2020).

A partir desse conceito foi desenvolvida pela equipe do site [Papo de Homem](#) uma dinâmica a ser realizada com homens, com a finalidade de fazê-los refletir sobre essas regras que nos são ensinadas e até impostas para que possamos nos reconhecer enquanto homens, e para que esses homens possam observar que podemos caminhar para a construção de masculinidades menos tóxicas aos que nos rodeiam e para nós mesmos.

Aqui fazemos uma adaptação dessa dinâmica para a sala de aula, pois entendemos que ela passa uma forte mensagem de possibilidade de mudança e acreditamos que é necessário sensibilizar os alunos desde cedo se quisermos que os movimentos de reflexão sobre as masculinidades e suas produções continuem a crescer.



Título sugerido: Caixa dos Homens

Objetivo Geral: Refletir sobre os processos de produção do corpo masculino e da masculinidade padrão.

Objetivos Específicos: Identificar atitudes machistas na própria vivência; Incentivar práticas de masculinidade não sexistas; Utilizar o conceito de Caixa dos Homens para o debate sobre construção da masculinidade.

Metodologia: Durante as discussões sobre corpo e sistema reprodutor, é importante inserimos o debate sobre as relações de gênero e diversidade, nesse sentido, essa dinâmica pode ser realizada nesses momentos. Utilizando como inspiração a dinâmica do vídeo A Caixa dos Homens, que pode ser acessada [aqui](#), propomos a aplicação dessa atividade em sala a partir dos seguintes momentos:

Momento 1: O/A docente irá pedir para que todos afastem suas cadeiras para as laterais e para o fundo da sala, de modo a deixar o meio da turma livre, caso a sala seja pequena, a dinâmica pode ser feita em um lugar aberto. O/A docente pedirá então para que os meninos da turma formem uma fila horizontal no meio da turma, de maneira que todos eles fiquem de frente para o quadro.

Quando todos estiverem organizados, o docente colocará uma caixa perto do quadro e apresentará a dinâmica dizendo que pretende fazê-los pensar sobre como sua masculinidade vêm se construindo e como isso influencia na vida das pessoas à sua volta. O docente informa então que irá fazer algumas afirmações e caso os alunos concordem, se identifiquem ou já tenham vivenciado aquilo, devem dar um passo à frente e quando atingirem o quadro, abrirão a caixa para descobrir o que tem dentro.

Abaixo estão algumas frases que o docente pode utilizar, mas ele pode ficar à vontade para adicionar mais questões de acordo com particularidades do lugar:

- a) Você aprendeu que homem de verdade não chora;
- b) Você já chamou alguém de “gay” ou “mulherzinha” de forma ofensiva;
- c) Você já presenciou cenas de agressão física ou psicológica em casa ou já apanhou;
- d) Você já foi agressivo fisicamente com uma mulher;
- e) Você já deixou de fazer algo que queria para não ser chamado de “mulherzinha”;



- f) Você já foi orientado a quando apanhar na escola ou na rua, revidar;
- g) Você já presenciou algum amigo ou familiar fazendo piada machista;
- h) Você já tentou abraçar ou beijar uma pessoa sem o consentimento;
- i) Você já compartilhou fotos, vídeos ou mensagens íntimas de mulheres, sem o seu consentimento;
- j) Você já fez alguma piada transfóbica ou utilizou termos como “traveco”.

Momento 2: Ao chegar ao quadro ou quando acabarem as afirmações, o/a docente pedirá para que alguns voluntários, um de cada vez, venha até a caixa, pegue um papel dentro dela, volte para o lugar que estava e leia em voz alta o que diz nele. Seguem algumas notícias e dados que podem estar em cada um dos papéis na caixa:

- a) Uma mulher é estuprada a cada 11 minutos ([Fórum Brasileiro de Segurança Pública](#));
- b) 40% dos homens de até 17 anos declaram já ter tido pensamentos suicidas ([Instituto PdH + Zooma Inc., 2019](#));
- c) Funcionário de TV é preso após esfaquear companheira em Feira de Santana ([Portal aTarde, Bahia, 2020](#));
- d) Homem bate na mulher por ela não ter feito almoço para ele ([O Tempo, 2019](#));
- e) Homem bate na mulher na frente do filho, após ela recusar relações sexuais ([MidiaMax, Uol, 2020](#));
- f) Homem agride mulher com empurrão e soco em bar de BH ([O Tempo, 2019](#));
- g) Mulheres ocupam apenas 15% do Congresso ([Relatório de Desenvolvimento Humano 2020](#));
- h) 86% das mulheres brasileiras declaram já ter sofrido alguma forma de assédio ([ActionAid, 2016](#));



- i) No 1º semestre de 2022, 63 homens gays, 58 mulheres trans ou travestis, 3 bissexuais, 2 lésbicas e homem trans 1 foram mortos no Brasil por serem quem são ([Grupo Gay da Bahia, 2022](#)).

Ao finalizar a leitura das frases, o/a docente explicará que ao abrir a caixa, os meninos se confrontaram com fatos que constroem à forma de ser homem em nossa sociedade, o fato de abrir a caixa significa a tomada de consciência, olhar para os problemas, enxergá-los e jogar luz sobre eles, que por mais que de início os alunos possam ficar receosos ou na defensiva, por mais que muitas dessas atitudes não tenham feito parte das suas práticas, certamente as reconhecem em amigos, pais, tios, avôs, vizinhos, conhecidos, e que ao dar visibilidade ao problema e refletir sobre o mesmo, dão um passo para seguir outro caminho.

Momento 3: Do mesmo local onde os meninos pararam, o/a docente deve pedir para que eles virem de modo à ficar de costas para o quadro e de frente para o fundo da sala e repetirá o processo: fará afirmações e caso os alunos concordem e se identifiquem, darão um passo à frente. Seguem novas sugestões de afirmações para essa etapa:

- a) Você acredita que expressar sentimentos e emoções não te torna menos homem;
- b) Você já entrevistou ao perceber atitudes homofóbicas, transfóbicas e machistas por parte de amigos, familiares e/ou conhecidos;
- c) Você pretende ensinar ao seu filho que o cuidado com a casa é tarefa tanto de homens, quanto de mulheres que ali moram;
- d) Você se compromete a intervir quando observar uma situação de assédio ou agressão por parte de um homem contra uma mulher;
- e) Você pretende dar uma educação livre de violência ao seu filho;
- f) Você sabe o maior problema que seu melhor amigo está enfrentando atualmente;
- g) Você pretende buscar ajuda quando estiver fragilizado psicologicamente;
- h) Você quer se comprometer em construir um futuro sem violência e com direitos iguais entre homens e mulheres.



Ao encerrar as afirmações, o/a docente pode então discutir que esses passos dados à frente são o início de um comprometimento, de uma visão igualitária, de um movimento de valorização e respeito da mulher e dos demais que não estão dentro da norma homem cis branco heterossexual. Que essas afirmações das quais os alunos se identificaram precisam agora ser exercidas diariamente a partir de práticas com intuito antissexistas. O/A docente pode discutir sobre como as masculinidades podem ser tóxicas e violentas, mas também um meio para novas ideias, novas atitudes.

Momento 4: Por fim, o/a docente ouvirá os alunos sobre o que eles acharam da dinâmica, se já tinha refletido sobre esses aspectos antes. Questioná-los sobre quais dados mais lhe chamaram atenção, se ficaram com vergonha de admitir a identificação com algumas das afirmações, se enxergam em outros homens do seu convívio atitudes machistas.

Após ouvir os meninos, é essencial ouvir as meninas, perguntá-las sobre o que acharam da dinâmica, como elas percebem essas atividades na escola, se já passaram por algumas das situações citadas, se conseguiram fazer paralelos também com discursos e construções da feminilidade, etc.

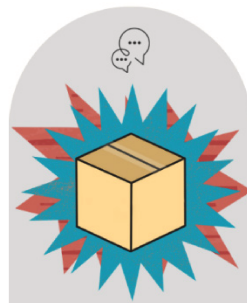
Materiais:

- Caixa;
- Folhas em branco;
- Caneta e/ou Pincéis.

Para pensar: Dessa atividade, diversos temas podem ser mais explorados como a paternidade, a responsabilidade do pai na criação e educação dos filhos, não como suporte ou proteção, mas como responsável direto pela criança igual a mãe, mesmo que os discursos socioculturais e biológicos atrelem a gravidez quase sempre ao corpo feminino e à mulher. O homem que não expressa sentimentos, não se abre, não está em casa, acaba tendo uma relação rígida, por vezes violenta com os filhos, que também crescerão com uma ideia de masculinidade, paternidade, rígida, fechada. Tema do abuso sexual, consentimento, da homofobia, transfobia, e simplesmente o fato de não poder ter certos gostos ou atitudes por medo do julgamento de outros.



3.10 A CAIXA ANÔNIMA



As relações de gênero estão presentes em qualquer espaço social, e na escola é nítida desde a sua estruturação. As filas separando meninos e meninas, as brincadeiras e brinquedos na creche, as cores da guache ou do lápis de cor. As relações de poder se criam desde o tipo de brinquedo para meninos que faz alusão às posses, trabalhos, violência, e de menina que ensina sobre o cuidado com a casa, com crianças e com a estética corporal.

Não discutir essas relações na escola é fechar os olhos para a realidade, porém, como já sabemos, este é um tema muitas vezes até perseguido por setores mais conservadores, o que faz com que os alunos continuem em dúvidas e se informem por fontes não seguras. As dúvidas podem gerar angústias, vergonha e curiosidade, vale ressaltar que nem todos os alunos têm a abertura para conversar sobre assuntos que se relacionam com a identidade de gênero, a orientação sexual, a sexualidade, abusos, violências, logo, propomos aqui a metodologia da caixa anônima.

Título sugerido: Caixa Anônima

Objetivo Geral: Promover discussões sobre gênero e sexualidade na escola, com base nas dúvidas dos alunos e alunas.

Objetivos Específicos: Possibilitar a tirada de dúvidas dos estudantes de forma anônima; Levantar as fragilidades de saberes sobre gênero e sexualidade na escola.

Metodologia: A caixa anônima pode ser uma metodologia empregada em uma turma ou em várias, podendo ser inclusive aplicada a toda escola, na qual o/a docente junto à gestão podem sistematizar o desenvolvimento da atividade, a partir de alguns momentos.

Momento 1: O/A docente ao iniciar o conteúdo sobre corpo, sistema reprodutivo, gravidez e IST ou educação sexual, à depender do



material didático utilizado e do planejamento do/da professor/a, pode apresentar a caixa anônima e sua função, explicando aos estudantes que podem, durante um período de dias, deixar perguntas, dúvidas e relatos sobre questões relacionadas à gênero e sexualidade, e que a partir do encontrado na caixa promoverão uma atividade. A caixa em formato de cofre, com um corte em cima, deve permanecer por 1 semana ou mais em um local de acesso livre na escola, onde todos possam inserir o seu papel com seu questionamento.

Momento 2: Passado o período, determinado o/a professor/a irá abrir a caixa, ler todos os papeis e organizá-los dentro de uma linha de assuntos que se cruzam. A partir desse levantamento, o/a docente pode: planejar uma palestra sobre os temas solicitados; planejar uma oficina sobre os temas solicitados; convidar um/a outro/a docente que desenvolva pesquisas nesse sentido a fim de promover alguma atividade com os estudantes que aborde o gênero e a sexualidade. Caso haja a possibilidade, seria interessante solicitar a participação de grupos de pesquisa da universidade que trabalham com tais problemáticas, visando promover a integração educação básica e superior.

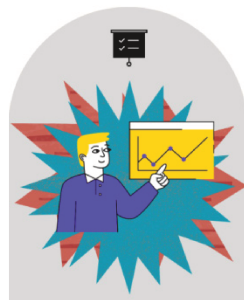
Materiais:

- Caixa;
- Datashow;
- Computador.

Para pensar: A atividade planejada com base nas dúvidas dos estudantes deve enfatizar os poderes que agem sobre as relações de gênero, sobre as construções dos nossos corpos, inclusive sobre a promoção da vergonha, do silêncio, sobre esses temas e âmbitos de nossa vida. A desautorização do falar sobre gênero, sexualidade, diversidade, corpos construídos a partir de discursos biológicos, é uma escolha e uma escolha política, no sentido de que o formato de família nuclear com pai, mãe, filhos, heterossexual, com o homem protetor e a mulher submissa é o formato economicamente útil e compreensível, neste sentido, todos aqueles que de alguma forma escapam, são reprimidos. A mulher falar sobre a própria sexualidade, o homem gay querer ser informado sobre práticas seguras, as pessoas trans não serem enxergadas de forma patologizada, são atitudes incompreensíveis para a sociedade conservadora em que estamos.



3.11 SEMINÁRIO



Quando refletimos sobre prática docente, por vezes ouvimos discursos que defendem ações mais modernas, com uma relação mais próxima entre professor/a e aluno/a e uso de metodologias inovadoras e tecnológicas, mas também ouvimos discursos que acreditam que a rigidez, a autoridade e por vezes a superioridade do/da professor/a em sala deve ser essencial para a disciplina dos alunos, e que artifícios como os celulares não devem ser permitidos na escola por desviarem a atenção dos estudantes.

Pensamos aqui que podemos buscar outro local ou até outros locais para nossas práticas, que podem transitar pelas mais recentes, visto que o avanço tecnológico deve ser também em prol da democratização de conhecimento, mas prezando também pelo respeito em sala, até porque entendemos que algumas práticas tradicionais não podem ser abandonadas.

Aqui propomos a utilização do seminário, que é uma metodologia já difundida nas escolas e principalmente na educação superior, mas que ainda pode ser uma estratégia produtiva para a apresentação e discussão de uma problemática. Nesse caso, o seminário pode ser o meio para debater sobre diferentes noções de masculinidade em diferentes locais do mundo, contribuindo assim para a compreensão de que essa é construída e sofre influência do seu entorno, da cultura, dos discursos criados com bases em relações religiosas, políticas, econômicas, de poder, que agem diretamente sobre como utilizamos, expomos e expressamos nossos corpos.

Propomos ainda que o seminário pode ser utilizado para visibilizar nomes de mulheres que foram importantes na história da Ciência, principalmente aquelas que não tiveram reconhecimento. A história é contada em sua maior parte por homens, sendo as narrativas masculinas são bem mais divulgadas, e quando temos narrativas femininas, ainda assim, muitas vezes a conhecemos sob a ótica de



um homem, torna-se necessário resgatar nomes de mulheres que por conta do sexismo, do preconceito e da falta de acesso não foram devidamente reconhecidas e valorizadas.

Título sugerido: Seminário Masculinidades

Objetivo Geral: Promover a discussão sobre a produção das masculinidades e das desigualdades entre os gêneros, a partir de um seminário.

Objetivos Específicos: Pesquisar sobre a construção das noções de masculinidade em diferentes locais do mundo; Reconhecer mulheres importantes para a Ciência, destacando suas conquistas; Problematizar o fato da história ser contada e protagonizada em grande maioria por homens; Incentivar meninas a se enxergarem no meio científico; Ampliar o conceito de masculinidade para além do aprendido no meio em que vivem os estudantes.

Metodologia - Momento 1: O/A docente poderá dividir a turma em equipes de 4 ou 5 alunos, porém essa quantidade pode variar de acordo com o número de alunos na classe, bem como o/a professor/a pode pedir para que os próprios estudantes formem equipes. Após formadas, o/a docente irá direcionar o tema, que pode ser o mesmo para todas ou um para cada equipe e explicará como os alunos podem produzir seus seminários.

Aqui propomos dois temas:

- a) Produção das masculinidades em diferentes locais do mundo;
- b) Mulheres que fizeram história na Ciência;

Momento 2: O/A docente pode definir o tempo de 15 a 20 min para cada equipe, podendo variar também, pode apresentar recursos que os alunos podem utilizar para pesquisa e construção dos slides como o *PowerPoint*, plataforma [Canva](#), [Google Acadêmico](#), [SciELO](#), ressaltando a importância da busca por informações em sites e fontes confiáveis, podendo ainda definir pontos a serem levados em consideração no planejamento das apresentações pelos estudantes.

Aqui sugerimos alguns:



- a) Vestimenta e adereços dos homens em outras culturas;
- b) Ritos de passagem de menino para homem em outras culturas;
- c) Figuras diferentes do homem e da mulher em outras culturas;
- d) Cientistas brasileiras;
- e) Cientistas do seu estado e/ou cidade;
- f) Razões para cientistas mulheres não terem tido reconhecimento.

Momento 3: Apresentação dos seminários que pode ser feita utilizando recursos como *slides*, *PowerPoint*, cartazes, desenhos, textos, imagens, vídeos, etc., nos quais todos os componentes devem falar e demonstrar a compreensão do tema e sua relação com os conteúdos de corpo humano, gênero e sexualidade estudados na disciplina.

Momento 4: É importante que o/a professor/a observe bem as apresentações para ao final levantar perguntas sobre o processo de pesquisa, a qualidade dos materiais utilizadas, as fontes de informações e sobre o tema em si, instigando os estudantes a sempre compreenderem essas construções sociais e discursos que invisibilizam como discursos de gênero e discursos que também formam os nossos corpos.

O/A docente pode abrir para questionamentos e comentários de alunos de outras equipes também, de modo a enriquecer a discussão. Ao final os *slides* e/ou cartazes podem ser disponibilizados online em formato PDF ou por fotos nos grupos da escola ou mesmo colados, no caso dos cartazes, em áreas de circulação da escola, para que assim todos tenham acesso às pesquisas.

Materiais:

- Computador;
- Datashow;
- PowerPoint / Canva;
- Cartazes;
- Pincéis, Canetas, etc.;



- Fotos;
- Vídeos;
- O que mais quiser...

Para pensar: Quando permanecemos em nossa bolha de amigos, conhecidos, grupos, costumes, conceitos e opiniões, dificilmente teremos uma visão ampla do quão diverso é o mundo, é necessário que estejamos abertos e trabalhando para furar nossas bolhas, ou seja, buscar conhecer questões como o gênero e como ele se dá em outros ambientes, em outras sociedades e dessa forma, perceber que tudo o que somos, essas mesmas opiniões, costumes e modos de agir são construídas com base no nosso meio e em aspectos que influenciam nas relações de poder entre as pessoas desse grupo no qual fazemos parte. A escola é o local onde primeiro furamos nossa bolha, pois somos colocados para conviver com pessoas fora do nosso convívio familiar, portanto, esse sendo um local para descobrir e redescobrir o mundo e as relações. É imprescindível se abrir ao novo, compreender como pessoas de outras culturas lidam com o gênero, com as relações de identidade, de sexualidade, nos faz refletir sobre a diversidade das práticas e de como podemos e devemos construir atitudes respeitosas e que valorizam essa diversidade.

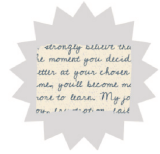
4 SUGESTÕES DE MATERIAL

Deixamos aqui algumas sugestões de materiais que podem ser fonte para que você docente possa explorar discussões sobre as relações de gênero, nas quais a produção do masculino e da masculinidade estão inseridas. A partir desses materiais diversos, você pode se preparar para levar esse debate para a sala de aula, para o ambiente escolar e até mesmo outros ambientes.

Já deixamos expresso aqui as complexidades que fazem com que nós não saíamos da graduação preparados para lidar com situações nesse âmbito e muitos outros, por isso, é necessária a nossa autonomia, nossa disposição de buscar sempre o aprimoramento e assim criar um ambiente mais democrático, inclusivo e que valoriza a diversidade. Esperamos que as sugestões sejam proveitosas e possamos caminhar para uma Educação nacional e consequente sociedade menos machista. Vamos nos dispor?



TEXTOS



- [Salto para o futuro - Educação para a igualdade de gênero.](#) Ministério da Educação, 2008.
- [Proposta pedagógica para a prevenção da AIDS na escola.](#) Abilene Correa, Felipe Duarte e Jackson Ronie Sá-Silva, p. 26-36, 2022.
- [Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito.](#) Raewyn Connell e James W. Messerschmidt, 2013.
- [A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.](#) Michael S. Kimmel, 1998.
- [A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade.](#) Silvana Vilodre Goellner, 2010.
- [O que pode uma teoria? Estudo transviado e a despatologização das identidades trans.](#) Berenice Bento, 2014.



LIVROS



- **O corpo educado** - Guacira Lopes Louro, Editora autêntica, 2018, 224p.
- **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista** - Guacira Lopes Louro, Editora Vozes, 2014, 184p.
- **Gênero: Uma perspectiva global** - Raewyn Connell, nVersos Editora, 2015, 326p.
- **Gênero em termos reais** - Raewyn Connell, nVersos Editora, 2018, 272p.
- **Curta a diversidade: propostas pedagógicas para a discussão do tema homossexualidade na escola** - Jackson Ronie Sá-Silva e Alderico Segundo Santos Almeida, Editora UEMA, 2021, 99p. [Disponível gratuitamente aqui.](#)
- **Homossexualidade, homofobia e Educação** - Jackson Ronie Sá-Silva e Alderico Segundo Santos Almeida, Editora UEMA, 2021, 115p. [Disponível gratuitamente aqui.](#)
- **As cores da masculinidade: experiências internacionais e práticas de poder na Nossa América** - Mara Viveros Vigoya, Editora Papéis Selvagens Edições, 2018, 224p.
- **Ensino de Ciências e Educação para a diversidade** - Jackson Ronie Sá-Silva (Org.), Editora Oikos, 2018, 320p.
- **Homossexualidade, Medicina e Educação** - Jackson Ronie Sá-Silva, Editora Oikos, 2022, 258p.
- **Fazendo e desfazendo gêneros 2** - Sandra Maria Nascimento Sousa (org) et al, EDUFMA, 2019, 324p.



SITES



- **Papo de homem** - Criado em 2006, o Papo de Homem busca ser um ambiente que cultiva uma visão de mundo mais ampla, desafia preconceitos, aprende a viver e se relaciona com mais satisfação. Um ambiente voltado para todos aqueles que desejam a partir de boa comunicação, refletir sobre privilégios e vulnerabilidades masculinas. O site oferece textos, pesquisas, documentários, vídeos, filmes, dicas e reflexões sobre tudo o que diz respeito à produção das masculinidades. Possui ainda um canal no YouTube com diversos vídeos de experimentos sociais no campo das discussões sobre o homem.

Link: <https://papodehomem.com.br/>

- **Gênero e Educação** - Nesse site você poderá encontrar conteúdos informativos, pedagógicos, de reflexão e de ação política que são produzidos pela Ação Educativa junto de entidades parceiras, visando a igualdade de gênero na Educação. Os materiais apresentam uma abordagem interseccional e permite a discussão sobre desigualdades de raça, sexualidade, e renda. Possui materiais educativos em forma de livros, manuais e vídeos.

Link: <https://generoeeducacao.org.br/>



FILMES



- **Transversais**

Ficha: Documentário Nacional; Direção: Émerson Maranhão; 2021; 1h24m.

Sinopse: Érikah é professora, Samilla é funcionária pública. Caio José é paramédico, Kaio Lemos é pesquisador acadêmico. Mara é jornalista e mãe de uma adolescente. Os cinco têm origens, formações e classes sociais diferentes. Em comum, o fato de ter suas vidas atravessadas pela transexualidade.

Onde assistir: Netflix

- **A máscara em que você vive (The Mask You Live In)**

Ficha: Documentário Internacional; Direção: Jennifer Siebel Newson; 2015.

Sinopse: Este documentário sobre “a crise dos meninos” nos EUA explica como criar uma geração de homens mais saudáveis e apresenta entrevistas com especialistas e acadêmicos.

- **O silêncio dos homens**

Ficha: Documentário Nacional; Direção: Ian Leite e Luiza de Castro; 2019; 1h.

Sinopse: O filme é parte de um projeto que ouviu mais de 40 mil pessoas em questões a respeito das masculinidades e desembocou num documentário e num livro-ferramenta baseado nesse estudo com dados públicos por meio de um convênio com o Consórcio de Informações Sociais (CIS) da USP.

Onde assistir: [YouTube](#)



PODCASTS



- **MEMOAH**

Sobre: Podcast que visa ampliar as discussões sobre masculinidade que ocorrem nos grupos reflexivos e demais atividades promovidas pelo site MEMOAH, já indicado anteriormente. Apresenta episódios sobre Masculinidades Amarelas, Trans, Homens no poder, Paternidade, etc.

Onde ouvir: Plataformas digitais de streaming.

- **Nos armários dos vestiários**

Sobre: Podcast feito pelo Globo Esporte apresentado por Joanna de Assis e William de Lucca, que discutem o fato de o Brasil ser considerado o país do futebol e esses serem um esporte e país de homens brancos cis heterossexuais. Os apresentadores debatem sobre os mecanismos que a homofobia usa no mundo futebolístico, mas também apresentam as histórias de pessoas fortes do passado e presente que não tiveram medo de ser a si próprias dentro da cultura machista e homofóbica do futebol.

Onde ouvir: Plataformas digitais de streaming.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. S. T.; FORMENTON, R. **Utilização de mapa conceitual como ferramenta de análise de trabalhos científicos.** HOLOS, vol. 1, pp. 171-181, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP 1/2020.** Diário Oficial da União, Brasília, 29 de outubro de 2020, Seção 1, pp. 103-106.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP 2/2015.** Diário Oficial da União, Brasília, 2 de julho de 2015 – Seção 1 – pp. 8-12.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação (PNE).** Lei Federal n.º 10.172, de 9/01/2001. Brasília: MEC, 2001.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 21ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 287p. 2021.

CARDOSO, L. R; GUARANY, A. L. A; UNGER, L. G. S; PIRES, M. A. **Gênero em políticas públicas de educação e currículo: do direito às invenções.** Revista e-Curriculum, São Paulo, v.17, n.4, p. 1458-1479, e-ISSN: 1809-3876. 2019.

CHAVES, I. M. M; OLIVEIRA, J. T; GOMES, L. N; OLIVEIRA, L. B; PINHEIRO, T. F; DUARTE, M. F. S; SÁ-SILVA, J. R. **Proposta pedagógica para a discussão da Zika na escola.** Apud: SÁ-SILVA, J. R; DUARTE, M. F. S (org.). **Propostas pedagógicas para a discussão de doenças infecciosas no ensino de Ciências e de Biologia.** São Luís: EDUEMA, p. 82-96. 2022.

CONNELL, R. **Gênero em termos reais.** São Paulo: nVersos, 272p. 2016.

CONNELL, R. W. **Políticas da masculinidade.** Apud: CORAZZA, Sandra Mara. **Educação & Realidade. Gênero e Educação.** Porto Alegre: **FACED/UFRGS**, v. 20, n.2, p. 185-206. 1995.



COSTA, S. D. P. **E-fanzine: uma proposta pedagógica voltada à Leitura e à produção textual na educação básica com valorização da cultura regional e memórias.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Regional Integrada Do Alto Uruguai E Das Missões, Frederico Westphalen, 2021.

DEMO, P. **Aprendizagem autêntica na era digital: Envolvendo estudantes via pesquisa.** 2016. Apud: REHFELDT, M. J. H; SILVA, M. S. **Podcast como recurso de aprendizagem: um elo entre as mídias digitais, a aprendizagem significativa e o educar pela pesquisa.** Ensino Em Re-Vista - Uberlândia, MG. v. 26, n. Especial, p. 1171-1194, dez. 2019.

DUARTE, R. **Cinema & educação.** 2009. Apud: PINTO, J. T. A. **Cinema, Produção Audiovisual e Ensino de História, Memória e Linguagens.** Ensino de História, Memória e Linguagens, 2021, p. 110-122. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/602664/1/Ensino%20de%20Hist%C3%B3ria%2C%20Mem%C3%B3ria%20e%20Linguagens.pdf> Acesso em: 20 out 2022>. Acesso em: 20 de out, 2022.

FREIRE, E. P. A. **Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação.** 2013. Apud: REHFELDT, M. J. H; SILVA, M. S. **Podcast como recurso de aprendizagem: um elo entre as mídias digitais, a aprendizagem significativa e o educar pela pesquisa.** Ensino Em Re-Vista - Uberlândia, MG. v. 26, n. Especial, p. 1171-1194, dez. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, N. M. S; GONÇALVES, T. V. O. **Práticas teatrais e o ensino de Ciências: o teatro jornal na abordagem da temática do lixo.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 68, p. 199-216, mar./abr. 2018.

IMBERNÓN, F. **Entrevista: formação permanente e carreira docente. Revista de Ciências Humanas.** Frederico Westphalen, v. 13, n° 20, p. 45-50, jun, 2012.

LOURO, G. L. **Flor de Açafreão: takes, cuts, close-ups.** 1° ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.



LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16^o. ed. Petrópolis: Vozes, v. 1. 184p. 2014.

MAGALHÃES, H. **A nova onda dos fanzines**. 2004. Apud: COSTA, S. D. P. **E-fanzine: uma proposta pedagógica voltada à Leitura e à produção textual na educação básica com valorização da cultura regional e memórias**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Regional Integrada Do Alto Uruguai E Das Missões, Frederico Westphalen, 2021.

MELO, L. F; FERRAZ, O. L; NISTA-PICCOLO, V. L. **O portfólio como possibilidade de avaliação na educação física escolar**. Revista da Educação Física/UEM Maringá, v. 21, n. 1, p. 87-97, 1. trim. 2010.

SÁ-SILVA, J. R. **Afinal, como se conceitua uma proposta pedagógica?** Apud: SÁ-SILVA, J. R; DUARTE, M. F. S (org.). **Propostas pedagógicas para a discussão de doenças infecciosas no ensino de Ciências e de Biologia**. São Luís: EDUEMA, p. 14-22. 2022.

SILVA, E. C. **Mapas conceituais: propostas de aprendizagem e avaliação**. Revista Administração: Ensino e Pesquisa - Rio de Janeiro, v. 16, no 4 p. 785-815, out-nov, dez 2015.

SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15^o ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 133p. 2014.

TORRES, A. L. **Integrando música e química: uma proposta pedagógica alternativa de aprendizagem significativa**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências da Natureza) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

TORRES, S. C. G. **Portfólio como instrumento de aprendizagem e suas implicações para a prática pedagógica reflexiva**. Dissertação (Mestrado em Educação Superior) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2007.

VALADARES, G. N. **A caixa dos homens: o que é essa ferramenta e como utilizá-la?**. Papo de Homem, 12 de Maio de 2020. Disponível em <<https://papodehomem.com.br/caixa-dos-homens-definicao-como-utilizar/>> Acesso em: 20 de out, 2022.



VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 160p. 2007.

VIGOYA, M. V. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 224p. 2018.

VILLAS BOAS, B. M. de F. **Avaliação formativa: em busca do desenvolvimento do aluno, do professor e da escola**. Apud: TORRES, S. C. G. **Portfólio como instrumento de aprendizagem e suas implicações para a prática pedagógica reflexiva**. Dissertação (Mestrado em Educação Superior) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2007.

